

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Dóris Fraga Vargas

**ESTUDO METODOLÓGICO DE ELABORAÇÃO DE TESAuros**

Porto Alegre

2010

Dóris Fraga Vargas

## **ESTUDO METODOLÓGICO DE ELABORAÇÃO DE TESAUROS**

Monografia apresentada no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: professora Doutora Regina Helena van der Laan

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto  
Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
Diretor: Prof. Ricardo Schneiders da Silva  
Vice-Diretora: Prof. Dra. Regina Helena van der Laan

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
Chefe: Prof. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura  
Chefe Substituto: Prof. Dra. Helen Beatriz Frota Rozados

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA  
Coordenadora: Prof. Me. Glória Ferreira  
Coordenadora Substituta: Prof. Dra. Samile Andréa de Souza Vanz

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

V297 Vargas, Dóris Fraga  
Estudo Metodológico de Elaboração de Tesouros / Dóris Fraga  
Vargas; orientação Regina Helena van der Laan. – Porto Alegre:  
2010.  
105 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

1. Tesouros 2. Metodologia de Elaboração de Tesouros I. Laan,  
Regina Helena van der II. Título

CDU 025.43

Departamento de Ciências da Informação  
Rua Ramiro Barcelos, 2705  
Campus Saúde  
Bairro Santana  
Porto Alegre – RS  
CEP 90035-007  
Telefone: (51) 3308-5067  
Fax: (51) 3308-5435

Dóris Fraga Vargas

## **ESTUDO METODOLÓGICO DE ELABORAÇÃO DE TESAUROS**

Monografia apresentada no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Data da Aprovação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Regina Helena van der Laan  
Orientadora (UFRGS)

---

Profa. Me. Glória Ferreira (UFRGS)

---

Profa. Me. Leticia Strehl (UFRGS)

*À minha mãe, que me ensinou a amar e respeitar os livros.  
Às minhas manas Deisi e Denise, para lembrá-las  
de que um dia essa “peleia” chega ao fim.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me oportunizar viver no lugar e momento certos com tudo o que preciso pra ser feliz.

A meus pais Delcio e Vanda, por todo o exemplo de integridade e respeito, por toda a liberdade e amor, além do apoio incondicional às minhas escolhas.

Ao meu amor Marcelo, por todos os “helps” que me deu durante essa caminhada e por ser grande o suficiente para vibrar com as minhas conquistas.

À minha orientadora professora Regina Helena, por toda paciência, atenção e amparo com seus conhecimentos.

Às minhas irmãs Deisi e Denise por toda a compreensão e carinho que sempre me dedicaram.

Ao meu irmão Davi, por todo o auxílio que sempre me dispensou, principalmente com seus conhecimentos de informática.

Às minhas amigas Néia e Kátia e ao querido Monteiro e Adriana, sem os quais eu não teria conseguido me licenciar do trabalho para terminar o curso.

À Kátia um agradecimento especial por toda a paciência, boa vontade e flexibilidade em atender meus pedidos de troca de horário de trabalho em virtude dos estudos.

À minha amiga Sabrina pelo auxílio com o inglês e pela amizade sincera.

À Verônica, minha terapeuta renascedora, pelo exemplo de verdade, simplicidade e amor. A todos os professores da FABICO, em especial às professoras Glória Ferreira e Letícia Strehl, pelo apoio e por terem aceitado ser parte da banca.

Agradecimentos também à professora Medianeira, pelo seu exemplo de integridade, liderança e calor humano e ao professor Rodrigo Caxias, pela sua dedicação, carinho e encorajamento.

Ao querido bibliotecário João da Cunha Moura, pelo incentivo a seguir por este caminho.

Aos bibliotecários Ricardo Affonso, Rosilei Paixão e Daiane Andrade, por todo o apoio e paciência durante meu estágio na BPM Vianna Moog, em São Leopoldo. Ao Ricardo e à Tâmara um agradecimento especial por toda a disposição em me ajudar nos trabalhos durante todo o curso.

A todos os funcionários da Vianna Moog, pelo auxílio e pela parceria.

A todos os colegas da Secretaria Municipal da Fazenda de São Leopoldo, pelo apoio e amizade.

À Tininha (*in memoriam*), pela recepção calorosa diária na chegada em casa, tornando meus dias mais felizes.

*“Você não sabe o quanto eu caminhei  
pra chegar até aqui  
percorri milhas e milhas antes de dormir”*

*(Toni Garrido / Lazão / Da Gama / Bino – A estrada)*

## RESUMO

Um tesauro é um instrumento que reúne termos escolhidos a partir de uma estrutura conceitual previamente estabelecida e destinados à recuperação de documentos e informações em uma área específica do conhecimento. Este trabalho é um estudo avaliativo de uma metodologia de elaboração de tesauros baseada na constituição de corpus textual. A referida metodologia é constituída pela intersecção de duas bases teóricas: a de Gomes, Campos e Motta (2004) em seu Tutorial de Elaboração de Tesauro Documentário e a de Laan (2002) em sua tese de doutorado. Primeiramente apresenta uma contextualização do tema, iniciando pela representação e recuperação da informação, passando pelas linguagens documentárias, sua tipologia e funções, até chegar ao tesauro. Também discorre sobre a Terminologia e sua importância como base no processo de representação da informação. Para verificar a viabilidade da metodologia avaliada foi realizado um estudo piloto, ou seja, foi construído um micro-tesauro de Organização da Informação. E com a elaboração deste protótipo foi possível avaliar cada etapa a ser percorrida para que se chegue ao tesauro, a saber: seu planejamento, a coleta dos candidatos a descritor, a elaboração do glossário, a construção do mapa conceitual, a montagem e a editoração do tesauro. Ressalta a função e a importância de cada uma das etapas, destacando a necessidade de segui-las na ordem recomendada. Conclui afirmando que a metodologia estudada é adequada e eficiente em seu propósito.

**Palavras-Chave:** Tesauro. Metodologia de Elaboração de Tesauros. Representação da Informação. Linguagens Documentárias.



## ABSTRACT

The thesaurus is a tool that put together the terms chosen from a previously established conceptual structure and intended for the recuperation of documents and information in a specific knowledge area. This work presents a study to evaluate a thesaurus construction methodology based on the corpus textual. The referred methodology is constituted by the intersection of two theoretical bases: the first one is about a Documentary Thesaurus Construction Tutorial by Gomes, Campos and Motta (2004) and the second one, a doctorate thesis (LAAN, 2002). Firstly is presented a theme contextualization, getting start by the information representation and recuperation, passing by the documentary languages, its typology and functions, reaching the thesaurus finally. Furthermore, discourse about the terminology and its importance as the basis for the information representation process. In order to verify the feasibility of the evaluated methodology a pilot study was carried out, thus, a micro-thesaurus of the Information Organization was sketched. Since this point each step to reach the final thesaurus was evaluated as follow: the planning, the collect of descriptor candidates, the glossary preparation, the conceptual map, the assembly and publication of the thesaurus. The research emphasizes the function and the importance of each phase, highlighting the need to follow the recommended steps. The work concludes asserting that the studied methodology is appropriate and efficient for the intent.

**Keywords:** Thesaurus. Thesaurus Construction Methodology. Information Representation. Documentary Languages.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b><u>INTRODUÇÃO</u></b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b><u>OBJETIVOS</u></b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>OBJETIVO GERAL</b>	<b>13</b>
<b>2.2</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b><u>REFERENCIAL TEÓRICO</u></b>	<b>14</b>
<b>3.1</b>	<b>REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>3.1.1</b>	<b><u>RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO</u></b>	<b>15</b>
<b>3.1.2</b>	<b><u>O PROCESSO DE REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO</u></b>	<b>16</b>
<b>3.2</b>	<b>LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS OU LINGUAGENS DE INDEXAÇÃO</b>	<b>18</b>
<b>3.3</b>	<b>TESAUROS</b>	<b>21</b>
<b>3.3.1</b>	<b><u>COMPONENTES FUNDAMENTAIS DE UM TESAURO</u></b>	<b>22</b>
<b>3.3.2</b>	<b><u>SISTEMA NOCIONAL E RELAÇÕES ENTRE CONCEITOS E ENTRE TERMOS</u></b>	<b>23</b>
<b>3.3.3</b>	<b><u>TESAUROS - METODOLOGIA DE ELABORAÇÃO</u></b>	<b>25</b>
<b>3.4</b>	<b>TEORIAS QUE EMBASAM AS LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS</b>	<b>26</b>
<b>3.4.1</b>	<b><u>TEORIA DO CONCEITO</u></b>	<b>27</b>
<b>3.4.2</b>	<b><u>TERMINOLOGIA</u></b>	<b>28</b>
<b>3.4.2.1</b>	<b>TEORIAS DA TERMINOLOGIA</b>	<b>31</b>
<b>3.4.2.1.1</b>	Teoria Geral da Terminologia	<b>31</b>
<b>3.4.2.1.2</b>	Teoria Comunicativa da Terminologia	<b>33</b>
<b>3.4.3</b>	<b><u>TERMINOLOGIA E LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS</u></b>	<b>34</b>
<b>4</b>	<b><u>METODOLOGIA</u></b>	<b>35</b>
<b>4.1</b>	<b>ESTUDO PRÉVIO</b>	<b>35</b>

4.2	EQUIPE DE TRABALHO	35
4.3	DELIMITAÇÃO DA ÁREA	36
4.4	PÚBLICO ALVO	36
4.5	CORPUS TEXTUAL	36
4.6	COLETA DOS CANDIDATOS A DESCRITOR	37
4.7	ELABORAÇÃO DE GLOSSÁRIO E VALIDAÇÃO DOS DESCRITORES	37
4.8	CONSTRUÇÃO DE MAPA CONCEITUAL	38
4.9	FORMA DE APRESENTAÇÃO DO TESAURO	38
4.10	EDITORAÇÃO DO TESAURO	39
5	<u>AVALIAÇÃO DA METODOLOGIA UTILIZADA</u>	40
5.1	A IMPORTÂNCIA DE UM LEVANTAMENTO PRÉVIO	40
5.2	PLANEJAMENTO	41
5.3	COLETA DOS CANDIDADTOS A DESCRITOR	42
5.4	ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO	42
5.5	CONSTRUÇÃO DO MAPA CONCEITUAL	43
5.6	ELABORAÇÃO DO TESAURO	44
5.7	EDITORAÇÃO DO TESAURO	45
5.8	DIFICULDADES ENCONTRADAS	45
6	<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	47
	REFERÊNCIAS	48
	APÊNDICE A – MICRO-TESAURO DE ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO	51
	APÊNDICE B – LINKS SUGERIDOS	101
	ANEXO A – FICHA DE COLETA DE TERMOS	103
	ANEXO B – ROTEIRO PARA ANÁLISE DE TESAUROS	104

## **1 INTRODUÇÃO**

Um serviço de informação tem como objetivo principal possibilitar que seus usuários tenham acesso às informações de seu interesse. Ao usuário deve chegar o produto final, ou seja: o conteúdo solicitado, independente de seu suporte. Porém, para que este objetivo se cumpra de fato, uma série de providências devem ser tomadas e muitas rotinas devem ser seguidas.

Uma adequada representação da informação é requisito fundamental para que um sistema de informações possibilite aos seus usuários que encontrem o que buscam, com o mínimo de gasto de tempo possível – condição cada vez mais exigida atualmente.

A Representação Temática, diferentemente da Representação Descritiva, está mais sujeita à subjetividade do profissional da informação. Para que seja eficiente, ela depende de uma série de fatores, como por exemplo, a experiência do bibliotecário e seu conhecimento do assunto. Para tentar reduzir um pouco esta subjetividade e com vistas à padronização na representação dos assuntos, foram criadas as linguagens documentárias como os tesouros e as listas de cabeçalhos de assuntos.

Um tesouro é um instrumento que reúne termos escolhidos a partir de uma estrutura conceitual previamente estabelecida e destinados à recuperação de documentos e informações em uma área específica do conhecimento. Seu arranjo está ligado à idéia expressa pelos termos nele dispostos e às relações possíveis entre os mesmos.

O tesouro também tem um valor didático, pois utiliza conceitos específicos da área do conhecimento que contempla e permite, por meio das relações entre os termos, uma melhor compreensão da área a que se refere. Além desta vantagem, tem também como objetivos principais facilitar a padronização da linguagem da área (o que auxilia na indexação e recuperação de informações) e facilitar a identificação e denominação de termos e conceitos, visando à total possibilidade de recuperação das informações pesquisadas.

Entretanto, para que o tesauro cumpra estes objetivos, é necessário que seja construído através de uma metodologia adequada, além de passar por atualizações periodicamente.

A proposta deste trabalho é a avaliação de uma metodologia de elaboração de tesouros baseada na constituição de *corpus* textual.

Para tanto, foi realizado um estudo piloto, construindo-se um micro-tesauro sobre Organização da Informação, com a finalidade de verificar a viabilidade da metodologia avaliada.

Pretende-se que este estudo sirva como base para auxiliar bibliotecários e estudantes de Biblioteconomia na construção de tesouros das mais diferentes áreas, apontando possíveis dificuldades, bem como indicando caminhos mais viáveis a serem percorridos para se chegar ao produto final: o tesauro.

Sabe-se que um bom instrumento de representação da informação em muito contribui para que um Sistema de Recuperação da Informação seja mais eficaz, embora haja outros fatores envolvidos. E este conceito de eficácia envolve a busca de índices nulos ou perfeitamente aceitáveis de silêncio e de ruído na recuperação de informações, colaborando, conseqüentemente, para que o usuário encontre o que procura.

## **2 OBJETIVOS**

A seguir seguem os objetivos a serem atingidos através deste estudo.

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Verificar a viabilidade de uma metodologia de elaboração de tesouros baseada na constituição de *corpus* textual.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Os objetivos específicos estão listados abaixo e seguem uma ordem seqüencial:

- a) Realizar levantamento prévio em tesouros da área de Biblioteconomia.
- b) Construir um micro-tesauro de Organização da Informação (protótipo).
- c) Avaliar a metodologia utilizada.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

A seguir serão apresentadas informações básicas para contextualização do tema deste trabalho, com algumas definições importantes para que se chegue ao objetivo principal, que é avaliar uma metodologia de construção de tesouros.

#### **3.1 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

Um ponto fundamental a ser observado em uma unidade de informação, ou mesmo em uma base de dados é a eficácia na recuperação das informações. Neste contexto tão falado de explosão da informação, e por que não dizer de saturação de informações, torna-se cada vez mais importante que as informações desejadas sejam recuperadas de forma rápida e com o maior índice de relevância e pertinência possível, sendo fundamental, para isto, que a informação receba o tratamento adequado.

Para Cintra *et al* (2002), a informação está diretamente ligada ao conhecimento e ao desenvolvimento de cada uma das áreas do saber, e, portanto, ela cumpre papel decisivo na mudança dos destinos da humanidade. As autoras explicam que o desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade traz como consequência a acumulação de uma massa enorme de informações, cujos registros geram documentos, que precisam ser tratados adequadamente para que, além de sua divulgação, haja também a possibilidade de se criar novos conhecimentos, cumprindo-se assim o ciclo natural da ciência.

Os profissionais da informação exercem um papel fundamental neste contexto, pois são responsáveis pela triagem, organização e conservação da informação, além de ser de seu domínio a viabilização de seu acesso (CINTRA *et al*, 2002).

Baptista (2007) afirma que a representação é um processo inerente à natureza humana, tornando-se também um processo social em suas características. De acordo com a autora, o ser humano necessita pensar, conhecer, registrar e comunicar, sendo que a atividade de registrar permite que haja concretização/fixação do conhecimento em determinado suporte, e também que ocorra a comunicação e compartilhamento de idéias, processos também inerentes à natureza humana. Conforme a autora, em função da especialização do conhecimento, da crescente produção de documentos e dos avanços tecnológicos, a representação ocorre em diferentes níveis, a saber:

- a) Do pensamento para o objeto: representação primária;
- b) Do objeto para o registro: representação secundária;
- c) Do registro 1 para o registro 2: representação terciária.

No processo de representação da informação há uma série de fatores envolvidos. Laan (2002) enumera alguns destes fatores quando discorre sobre o processo de indexação: o conhecimento da área temática por parte do indexador e sua experiência profissional, a política de indexação adotada no Sistema de Recuperação da Informação (SRI), os recursos disponíveis para as estratégias de busca e a linguagem de indexação utilizada.

### 3.1.1 RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Inerente à Representação da Informação está a Recuperação da Informação, definida por Jesus (2002) como o processo de localizar documentos e itens de informação.

Para Laan (2002), o desenvolvimento da tecnologia possibilitou a informatização dos catálogos e sua posterior disponibilização em redes de acesso remoto, o que fez surgir um novo modelo de acesso às informações: o acesso direto por parte dos usuários, sem um intermediário. A autora afirma que este contexto aumenta a preocupação em torno da representação temática, pois nem sempre a linguagem utilizada pelo usuário coincide com aquela adotada pelo SRI. A autora acrescenta ainda:



A diferença entre a linguagem utilizada pelo sistema e a utilizada pelo usuário, ao buscar informações, pode ter como resposta um alto índice de revocação<sup>1</sup> com um baixo índice de precisão, sendo recuperados documentos não pertinentes aos interesses do pesquisador, gerando excesso de ruído. Ou então, ao contrário, documentos importantes não são recuperados, resultando no que se denomina de silêncio do SRI. (LAAN, 2002, p.16)

A relação entre quem busca uma informação e o SRI é um processo duplamente codificado (LAAN, 2002), pois além da codificação utilizada pelo bibliotecário no processo de indexação, existe aquela utilizada pelo usuário, que lança mão de seu código lingüístico e de seu conhecimento da área para formular a questão de busca. Neste momento é importante que haja compatibilidade entre as codificações. Como nem sempre isto ocorre, é fundamental que o SRI tenha uma rede de remissivas eficiente, o que possibilitará uma comunicação adequada entre os agentes deste processo. Jesus (2002, p.14) complementa: “Em sistemas de recuperação da informação é necessário o controle da terminologia para garantir a relação entre perguntas e respostas.”

É, portanto, vital que se busque cada vez mais qualidade e coerência na organização, tratamento e representação da informação, pois disso dependerá o sucesso do usuário na recuperação de informações e, conseqüentemente, o sucesso e sobrevivência de uma unidade de informação.

### 3.1.2 O PROCESSO DE REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A representação da informação visa à construção de pontos de acesso<sup>2</sup> para recuperação de informações existentes em um sistema de informações. Os pontos de acesso mais comuns e solicitados pelos usuários são título, autor e assunto, embora se possam incluir outras possibilidades como editora, ano de publicação, entre outros, conforme a necessidade verificada em cada sistema de informação.

---

<sup>1</sup> Definida por Guinchat e Menou (1994, p.325) como a “proporção de documentos pertinentes recuperados em relação ao total de documentos pertinentes existentes no sistema.”

<sup>2</sup> Informações pelas quais os usuários podem acessar a representação de um item no catálogo.

Há duas etapas que fazem parte do processo de representação da informação e que são igualmente importantes: a representação descritiva e a representação temática.

A representação descritiva ou catalogação refere-se à descrição física do documento como suporte, trazendo informações como número de páginas, dimensões (se este dado for relevante), localização no acervo (através do número de chamada), além de pontos de acesso como autor, título e assunto geral. Para tanto, é necessário que seja feita uma leitura técnica do documento, ou seja, a análise do item, visando o levantamento de informações necessárias à sua representação.

As diretrizes que regem a representação descritiva constam no Código de Catalogação Anglo Americano, que visa à padronização da catalogação.

Já a representação temática ou indexação foca o conteúdo, a informação constante no documento, sem levar em conta seu suporte. Para Laan (2002, p.19), indexação é o “processo de determinação de assuntos de um documento e a sua posterior tradução para uma linguagem de indexação”.

Conforme a NBR 12676 - Métodos para análise de documentos – (ABNT, 1992) Indexação é “o ato de identificar e descrever o conteúdo de um documento com termos representativos dos seus assuntos e que constituem uma linguagem de indexação.” De acordo com esta norma, as principais etapas do processo de indexação seriam:

- a) o exame do documento, com o estabelecimento do assunto de seu conteúdo;
- b) a identificação dos conceitos<sup>3</sup> presentes no assunto;
- c) a tradução destes conceitos para termos de uma linguagem de indexação.

Estas etapas também fazem parte da análise temática, que, de acordo com Laan (2005), é a operação que permeia todo o processo de representação e recuperação de informações, sendo a grande responsável pela qualidade do Sistema de Recuperação da Informação.

---

<sup>3</sup> Conceito é definido na NBR 12676 (ABNT, 1992) como qualquer unidade de pensamento, podendo ter seu conteúdo semântico reexpresso pela combinação de outros conceitos. A definição seria a representação verbal de um conceito.

### 3.2 LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS OU LINGUAGENS DE INDEXAÇÃO

Ferramentas essenciais para a representação documentária, as linguagens documentárias (LDs) são aliadas dos profissionais da informação para que se atinja o objetivo maior em uma unidade de informação: satisfazer as necessidades informacionais dos usuários.

Para Cintra *et al* (2002), as linguagens documentárias correspondem a sistemas de símbolos destinados a “traduzir” os conteúdos dos documentos. As LDs são linguagens construídas que podem representar, de maneira sintética, as informações contidas nos textos, tornando possível a comunicação entre usuário e sistema.

Já Dodebei (2002, p. 56) conceitua linguagens documentárias como “linguagens de comunicação entre a informação documentária e o usuário que dela necessita”. A autora enumera três funções principais das linguagens documentárias:

a) organizar o campo conceitual da representação documentária, constituindo-se em referência para que se estabeleçam as articulações necessárias ao engendramento de significados (LARA<sup>4</sup> *apud* Dodebei, 2002);

b) servir de instrumento para a distribuição útil dos livros ou documentos fisicamente, função cumprida pelos sistemas de classificação bibliográfica como a CDD e a CDU, em que os documentos são agrupados por classes de assuntos;

c) controlar as dispersões léxicas, sintáticas e simbólicas no processo de análise documentária, função cumprida pelos tesouros e listas de cabeçalhos de assuntos, que orientam a organização intelectual das áreas do conhecimento, complementando a função dos sistemas de classificação, que orientam a organização espacial dos documentos.

---

<sup>4</sup> LARA, Marilda Lopes Ginez de. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. **Ciência da Informação**, Brasília, v.22, n.3, p.223-226, set./dez. 1993.

Lara (2004) afirma que, para que uma linguagem documentária desempenhe um papel de instrumento de comunicação, ela deve possuir algumas características, a saber:

- a) funcionar como um código inteligível e fonte para interpretação de sentido;
- b) caracterizar-se como uma metalinguagem;
- c) levar em conta o usuário como integrante de todo o processo.

As LDs são divididas em dois grupos: as codificadas ou numéricas e as alfabéticas. Dentre os sistemas numéricos mais conhecidos estão os sistemas de classificação bibliográfica como a CDD (Classificação Decimal de Dewey) e a CDU (Classificação Decimal Universal), que são de natureza mais abrangente, visando cobrir todo o espectro de conhecimento.

Dentre as linguagens alfabéticas de indexação temos as listas de cabeçalhos de assuntos e os tesouros. Segundo Dodebei (2002, p. 58), as listas de cabeçalhos de assunto podem ser definidas como:

(...) linguagens documentárias que organizam uma rede de relações temáticas (modelo da enciclopédia), de caráter conceitual pré-coordenado, uma vez que refletem não os conceitos principais de um domínio do conhecimento, mas os assuntos estruturados no sistema de classificação bibliográfica utilizado como representação do item bibliográfico.

Conforme a autora, a maioria das listas de cabeçalhos de assuntos reflete a experiência particular dos sistemas de informação para o qual foram construídas, tornando-se ineficientes quando transpostas a outros sistemas.

Conforme Campos (2001), os Tesouros apresentam-se, na maioria das vezes, sob duas formas: a alfabética e a sistemática, sendo que a forma sistemática evidencia a estrutura de conceitos (elementos de significação) e possibilita ao usuário que este compreenda as relações existentes entre os conceitos de uma dada área do conhecimento.

Tristão, Fachin e Alarcon (2004) estabelecem, dentre outras, uma diferença fundamental entre os tesouros e os sistemas de classificação: os planos de trabalho. Os tesouros têm dois planos de trabalho: o plano das idéias e o plano verbal, em que os conceitos são ordenados para permitir uma recuperação eficaz. Já os sistemas de classificação apresentam três planos de trabalho: além do plano das idéias e do plano verbal, possuem também o plano

notacional, através do qual os documentos são armazenados e podem também ser recuperados de forma eficaz. Outra diferença diz respeito à área de abrangência: enquanto a maioria dos sistemas de classificação abarca ou pretende abarcar todas as áreas de conhecimento, os tesouros são desenvolvidos de forma específica, pois conforme o campo de conhecimento mudam as características e as relações entre os conceitos.

Alguns autores estabelecem uma tipologia para as linguagens documentárias levando em conta sua coordenação. Conforme Currás (1995), as linguagens de indexação podem ser pré ou pós-coordenadas, de acordo com as necessidades do sistema de informação onde são utilizadas.

Porém, esta classificação, oriunda dos cabeçalhos de assuntos e das linguagens codificadas, deve ser atribuída à indexação e não às linguagens documentárias. “Isso, na realidade, refere-se ao processo e não ao instrumento de indexação, ou seja, pertence ao âmbito da política de indexação” (LAAN, 2002, p. 49).

Sob essa ótica, definimos indexação pré-coordenada como o processo no qual os termos de indexação são combinados e coordenados entre si no momento da indexação. Já na indexação pós-coordenada os termos de indexação se coordenam em um processo posterior à sua determinação, como no momento da pesquisa. (CAVALCANTI, 1978).

Atualmente, em que a tendência dos SRI é cada vez mais a informatização, a indexação pós-coordenada ocupa lugar de destaque, pois permite que o usuário combine estratégias de busca de acordo com suas necessidades informacionais, trazendo mais flexibilidade e agilidade para o SRI.

Além de proporcionar um controle terminológico, as linguagens documentárias tornam possível o compartilhamento de informações por diferentes sistemas de informação, que podem trabalhar de modo cooperativo e mais uniforme. A seguir será tratado mais pormenorizadamente do assunto tesouros, por constituírem-se objeto deste estudo.

### 3.3 TESAUROS

De acordo com Campos (2001), a palavra “thesaurus” é de origem latina e significa “tesouro”, tendo sido utilizada no sentido de “tesouro de palavras”. Um Tesouro de Recuperação é um instrumento que reúne conceitos de uma determinada área do conhecimento relacionados entre si.

Currás (1995, p. 88), após apresentar uma série de definições de tesouro através dos tempos, finaliza sua lista com a definição que considera mais apropriada para os dias de hoje:

Tesouro é uma linguagem especializada, normalizada, pós-coordenada, usada com fins documentários, onde os elementos lingüísticos que o compõem – termos, simples ou compostos – encontram-se relacionados entre si sintática e semanticamente.

Para a autora, há uma série de condições a serem cumpridas por um tesouro, como por exemplo:

- a) deve ser uma linguagem especializada;
- b) deve permitir a introdução ou supressão de termos para manter sua atualidade;
- c) deve servir de conversor da linguagem natural dos documentos, ambígua e livre, para uma linguagem concreta, normalizada e apta a controlar a informação contida nos documentos;
- d) deve servir de ligação entre os documentos e os usuários, sendo que o profissional da informação é o elo fundamental neste contexto.

De acordo com Jesus (2002, p. 16):

O objetivo principal do tesouro é dar assistência ao usuário (pesquisador ou indexador), de maneira que ele consiga encontrar o termo que represente um determinado significado para o que se procura, ou seja, com a ajuda do tesouro, o usuário, no momento da busca poderá identificar termos alternativos, o que permitirá descrever a informação contida no documento de forma mais adequada.

Para Souto (2003), o uso de um tesouro em um sistema de informação contribui muito para a diminuição da inconsistência na recuperação da informação em uma base de dados. O autor acrescenta que, ao fazer uma pesquisa pelo termo não aceito, o pesquisador, ao utilizar um tesouro, além de

ter maiores chances de encontrar um documento, poderá visualizar outras formas de pesquisa. Além disso, a estrutura hierárquica do tesauro facilita a compreensão do assunto e de seu contexto, além de esclarecer sobre os relacionamentos entre os conceitos e termos dentro de uma área do conhecimento.

Porém, é necessário ter sempre em mente que por mais eficiente que seja um instrumento de indexação, ele deve ser sempre monitorado com vistas a sua atualização, conforme ressalta Kobashi (2007, p. 3):

É preciso reconhecer, no entanto, que as Linguagens documentárias, embora úteis, são imperfeitas. Sua atualização permanente é sempre um desafio. É necessário, desse modo, encontrar formas de atualização e adaptação que sigam mais de perto a velocidade e a dinâmica da criação terminológica para que, de fato, seja garantida a sua função comunicacional.

Cintra *et al* (2002) também enfatizam sobre a necessidade de atualização de linguagens documentárias mais desenvolvidas como os tesouros, mediante a supressão de termos em desuso, o reagrupamento de palavras pouco utilizadas e adição de termos novos. Assim será possível que estas linguagens se mantenham como instrumentos dinâmicos, que acompanham os avanços do conhecimento e as mudanças de significado de termos já existentes numa determinada área.

### 3.3.1 COMPONENTES FUNDAMENTAIS DE UM TESAURO

De acordo com Currás (1995), os componentes fundamentais dos tesouros são os termos. Conforme a NBR 12676 (ABNT, 1992), termo de indexação é aquele que representa um conceito, podendo ser um símbolo de classificação ou um termo derivado da linguagem natural, de preferência um nome ou locução nominal. Já termo preferido é definido como um termo utilizado consistentemente para representar um conceito no processo de indexação, sendo também conhecido como descritor, ou termo principal (CURRÁS, 1995).

Termo não-preferido, não-descritivo, secundário ou equivalente é definido como aquele termo que não é atribuído aos documentos, mas é utilizado como remissiva para instruir o usuário na procura do termo preferido (ABNT, 1992).

### 3.3.2 SISTEMA NOCIONAL E RELAÇÕES ENTRE CONCEITOS E ENTRE TERMOS

Todo e qualquer campo de conhecimento possui um conjunto de noções, o chamado sistema nocional, definido como “um conjunto estruturado de noções que reflete as relações estabelecidas entre as noções que o compõem e no qual cada noção é determinada pela sua posição no sistema.” (ISO 1087<sup>5</sup> *apud* CINTRA *et al*, 2002, p. 50).

De acordo com Kobashi (2007), é o sistema nocional (ou campo conceitual) que vai determinar as relações entre os termos e conceitos. Para a autora, é necessário explicitar as relações conceituais existentes em um domínio para, em seguida, propor as possibilidades de denominação dos conceitos em um SRI.

A importância de um sistema nocional é inquestionável e sua ausência acarreta a impossibilidade de dar prosseguimento à esquematização de uma área de conhecimento devido à falta de compreensão do significado dos conceitos e, por conseguinte, das suas possibilidades de relacionamento. Obviamente, a utilização de qualquer linguagem documentária pressupõe a existência de um sistema nocional devidamente estruturado da área de conhecimento que será objeto de indexação (CINTRA *et al*, 2002).

Como linguagem documentária, o tesouro tem como uma das principais características a ligação entre os termos segundo indicações estabelecidas por seu próprio significado, de modo que uns termos conduzam a outros (CURRÁS, 2005).

---

International Organization for Standardization. ISO 1087: Terminology work – Vocabulary. 01-Oct-2000 / 42 pages.



De acordo com Laan (2002), as relações que se estabelecem em um tesouro são:

1 **Relações Conceituais**: estabelecidas entre os conceitos representados pelos termos no tesouro, sendo subdivididas em relações hierárquicas e associativas.

1.1 **Relações Hierárquicas**: baseiam-se no grau de semelhança entre os indivíduos, estabelecendo-se uma relação de subordinação e superordenação. Nelas há um termo superior, geral ou genérico (representado nos tesouros pela sigla TG) e termos de menor conteúdo e significado, os chamados termos subordinados ou específicos (nos tesouros, TE). Subdividem-se em:

1.1.1 **Relações Genéricas**: relação de gênero-espécie.

Ex.: ave (TG) – coruja (TE)

1.1.2 **Relações Partitivas**: subordinação das partes com o todo.

Ex.: Flor (TG) – caule (TE)

1.1.3 **Relações Exemplares ou Tipo de**: constituem-se em um exemplo que em determinado domínio pode ser importante.

Ex.: Biblioteca (TG) – Biblioteca Pública (TE)

1.2 **Relações Associativas**: são relações por coordenação, podendo ser também por encadeamento, causa e efeito ou seqüenciais. Essas relações se dão em nível horizontal com os termos relacionados entre si semanticamente. Nos tesouros, geralmente são representadas pelas siglas TA (termo associado) ou TR (termo relacionado) e representam associações mentais por coordenação.

Ex.: inseto – inseticida

2 **Relações de Equivalência**: estabelecidas entre os termos que representam os conceitos em um tesouro, em que pode haver um termo preferido e outro(s) não preferido(s), que seria(m) seu(s) sinônimo(s) ou quase sinônimo(s). Estas relações informam que somente um termo pode ser utilizado como descritor autorizado, indicando preferência de grafia, de uso de siglas ou acrônimos, do nível de linguagem (científica ou popular), além de relacionar os termos semanticamente (LAAN, 2002). Nos tesouros, geralmente são representadas pela sigla USE e UP (usado por).

### 3.3.3 TESAUROS - METODOLOGIA DE ELABORAÇÃO

Conforme Gomes e Campos (2006), as bases para a elaboração de um tesouro se encontram fundamentalmente nos princípios que enfatizam o processo de conceituação e em sua ordenação sistemática. Para as autoras, as definições explicitam o conteúdo dos conceitos e fornecem os elementos para o relacionamento entre os termos/conceitos. O conceito seria o ponto de partida para estabelecer as relações conceituais e determinar a forma verbal mais adequada para representá-lo. O uso de categorias é a base para organização de sistemas de conceitos, pois estas possibilitam a sistematização do conhecimento, fornecendo princípios para estruturar todas as classes de conceitos de um domínio. A categorização torna claro o domínio temático do tesouro e, conseqüentemente, estabelece as bases para seleção dos termos, nas fontes de onde eles serão retirados.

Na elaboração de tesouros, esta metodologia fornece os princípios para agrupar conceitos de mesma natureza em classes gerais ou facetadas para construir cadeias e renques, séries verticais e horizontais de conceitos, respectivamente. O entendimento das classes que compõem um dado domínio é de suma importância para a elaboração de tesouros, pois permite uma maior compreensão do conceito e da organização das relações entre os conceitos. (GOMES e CAMPOS, 2006, p. 8)

Currás (1995) chama a atenção para as considerações a serem feitas no momento de se confeccionar um tesouro, dividindo-as em dois grupos:

a) Considerações do tipo interno ao sistema documentário: são aqueles aspectos inerentes aos próprios documentos e suas características, como o assunto principal, assuntos auxiliares, o grau de precisão, o número de documentos a serem indexados, as fontes de coleta dos dados, os tipos de documentos, entre outras;

b) Considerações do tipo externo ao sistema documentário: que seriam aquelas referentes ao sistema de informação para o qual será construído o tesouro, observando aspectos como sua tipologia (privado, público, geral, especializado), a previsão de crescimento do público, os recursos humanos e as características dos usuários, entre outras.

Dentre as metodologias observadas, a que nos parece mais didática e lógica é a de Laan (2002), que esquematiza a metodologia de construção dos tesouros em três etapas fundamentais, a saber:

- a) etapa preliminar: em que se define a equipe de trabalho, o planejamento geral do tesouro, a delimitação do tema central e temas periféricos e o levantamento das principais fontes de coleta dos candidatos a descritor (*corpus textual*);
- b) etapa de elaboração propriamente dita: em que se procede a coleta dos candidatos a descritor em situação discursiva, a elaboração de um glossário, a determinação dos descritores autorizados e não autorizados, sua validação por especialistas, a organização de um mapa conceitual, o estabelecimento das relações entre os termos/conceitos e a elaboração da apresentação (alfabética e/ou sistemática) dos descritores com as respectivas relações;
- c) etapa de editoração: em que se redige uma apresentação criteriosa do tesouro ao seu público-alvo. Aqui entram os objetivos do instrumento, sua cobertura, sua forma de apresentação, as abreviaturas utilizadas, explicações sobre a forma gráfica adotada para descritor e não-descritor, as orientações de uso, o número total de termos incluídos, seus critérios e fontes de seleção, entre outros.

### **3.4 TEORIAS QUE EMBASAM AS LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS**

A seguir serão apresentadas três importantes teorias que servem de base na elaboração das linguagens documentárias: a Teoria do Conceito, a TGT (Teoria Geral da Terminologia), e a TCT (Teoria Comunicativa da Terminologia). A Teoria da Classificação Facetada não será aqui abordada, pois o foco maior é a Terminologia, já que seus fundamentos, entrelaçados com os da Teoria do Conceito, constituirão a base principal para a elaboração do estudo-piloto com fins de avaliação metodológica.

### 3.4.1. TEORIA DO CONCEITO

Desenvolvida por Ingetraut Dahlberg nos anos 70, a Teoria do Conceito trouxe uma base mais sólida para a determinação e o entendimento do que é considerado conceito, além de possibilitar um método para o seu posicionamento em um sistema de conceitos. De acordo com esta teoria, o conceito passa a ser definido não mais como “unidade de pensamento” (algo subjetivo, que está na mente de alguém) e sim como “unidade de conhecimento”, pois conhecimento pressupõe entendimento objetivo de algo observável (CAMPOS, 2001). O conceito deixa de ser apenas um elemento de significação do termo. O termo sintetiza o conceito como um todo e permite sua comunicação verbal, passando a receber um tratamento terminológico. A definição possibilita, além da fixação do conceito, o seu posicionamento no Sistema de Conceitos.

Em artigo escrito em 1978, oriundo de uma aula ministrada por ocasião do 8<sup>o</sup>. Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, em Brasília (1975) intitulado “Teoria do Conceito”, Dahlberg sintetiza suas principais idéias e traz algumas definições, muitas embasadas na TGT e resumidas a seguir em tópicos:

- a) a linguagem constitui a capacidade do homem de designar os objetos que o circundam assim como de comunicar-se com os seus semelhantes;
- b) o conceito é constituído de elementos que se articulam numa unidade estruturada e pode ser definido como a compilação de enunciados verdadeiros sobre determinado objeto, fixada por um símbolo lingüístico;
- c) os elementos dos conceitos identificam-se com as chamadas características dos conceitos, que traduzem os atributos das coisas designadas;
- d) a intensão do conceito é a soma total das suas características. É também a soma total dos respectivos conceitos genéricos e das diferenças específicas ou características especificadoras;

- e) a extensão do conceito pode ser entendida como a soma dos conceitos para os quais a intensão é verdadeira, ou seja, a classe dos conceitos de tais objetos dos quais se pode afirmar que possuem aquelas características em comum que se encontram na intensão do mesmo conceito.
- f) categoria é o conceito na sua mais ampla extensão;
- g) sempre que diferentes conceitos possuem características idênticas deve-se admitir que entre eles existem relações e este fato tem importância na ordenação dos conceitos;
- h) definições são pressupostos indispensáveis na argumentação e nas comunicações verbais e que constituem elementos necessários na construção de sistemas científicos. A definição é, de certo modo, uma limitação, ou seja, uma colocação de limites relativos a um conceito ou idéia.

Para Campos (2001), os princípios da Teoria do Conceito mostram-se úteis para a elaboração de tesouros porque fornecem bases sólidas para o estabelecimento de relações e para sua realização no plano verbal.

### 3.4.2 TERMINOLOGIA

De acordo com Pavel *et al* (2008), o significado mais comum de Terminologia, seria o "conjunto dos termos especializados próprios de uma ciência, de uma técnica, de um autor ou de um grupo social determinado como, por exemplo, a terminologia da medicina ou a terminologia da informática."

Porém, de acordo Cabré (1999), além deste caráter de produto, a Terminologia possui outras duas faces: aquela que nos remete à noção de disciplina e também outra, voltada para a prática. Como área de conhecimento, a Terminologia pode ser definida como a "disciplina lingüística que estuda os conceitos e os termos usados em linguagem de especialidade." (PAVEL *et al*, 2008). Já como prática, Cabré (1995) define a Terminologia como o conjunto de princípios que visam à compilação de termos.

Pavel *et al* (2008) afirmam que a Terminologia é parte da lingüística aplicada, um ramo da lingüística que abarca a tradução especializada, a redação técnica e o ensino de línguas. Os autores acrescentam que a prática terminológica é uma atividade altamente estruturada e que visa a sistematizar as informações a respeito da significação e do uso dos termos de áreas de especialidade e a torná-los disponíveis em diversos suportes, tais como vocabulários, léxicos e normas terminológicas.

Smit, Tálamo e Kobashi (2001, p.5) acrescentam que “a terminologia surge da necessidade de denominar os sistemas de conceitos das diferentes disciplinas, com o objetivo de permitir uma comunicação eficiente entre especialistas.” Para as autoras, o conhecimento e a compreensão de uma dada área estão ligados ao domínio da linguagem desta área, sendo que o núcleo específico de uma linguagem de especialidade é o seu vocabulário – que normalizado e organizado semântica e logicamente constitui a Terminologia da área. Na falta de um assentamento conceitual ou então quando houver ambivalências semânticas, tem-se um impasse ou retardamento teórico, que compromete a área como um todo. Por estas considerações pode-se perceber a importância da Terminologia atuando em todas as áreas do conhecimento. Currás (1995, p. 21) enfatiza esta idéia, ao afirmar:

A importância da terminologia manifesta-se no uso correto dos vocábulos, em sua formação apropriada e em sua conservação, protegendo-os da obsolência (*sic*). Manifesta-se ainda, na uniformidade da linguagem, na normalização dos vocabulários especializados, na busca de equivalências apropriadas a serem empregadas nas traduções. Com efeito, sem uma terminologia consciente e apropriada talvez não possamos acompanhar o carro do progresso (...)

Destas informações pode-se concluir que a Terminologia objetiva resolver uma série de problemas que podem surgir entre os falantes de um idioma. Laan (2002) enumera cinco destes problemas, explicando-os um a um. Porém, para fins de simplificação, vamos reduzir a três casos:

a) polissemia, que ocorre quando um termo é utilizado para designar dois ou mais conceitos, não pertencendo, necessariamente ao mesmo sistema de conceitos e conservando um traço semântico em comum. Isto pode gerar ambigüidades, que nos tesouros são eliminadas pelo uso de qualificadores, como no exemplo abaixo:

- ponte (engenharia)
- ponte (odontologia)

Traço semântico em comum: ambos os termos remetem à idéia de ligação entre dois pontos afastados.

- b) homonímia: quando um mesmo termo designa conceitos diferentes em domínios distintos do conhecimento e sem haver nenhuma relação semântica. O uso de qualificadores também resolve este tipo de problema em um tesouro, como no exemplo abaixo:

- planta (biologia)
- planta (arquitetura)

- c) sinonímia: ocorre quando dois ou mais termos do mesmo idioma representam o mesmo conceito. Nos tesouros, a solução deste problema se dá através de um controle terminológico expresso pelas relações de equivalência, em que se elege um termo como autorizado (descriptor) e os demais termos (os não autorizados) remetem ao termo principal, formando uma rede de remissivas. Exemplo: cão – ver cachorro.

Através destas colocações, pode-se traçar um paralelo entre a Terminologia e as bases que orientam a construção dos tesouros e, de um modo geral, as linguagens documentárias. Currás (1995, p. 44) enfatiza esta relação ao discorrer sobre os tesouros e o cuidado que se deve ter na sua elaboração:

Finalmente, um tesouro é um vocabulário especificado, normalizado, no qual as palavras que o compõem adquirem a categoria de termos, com suas relações semânticas associativas, hierárquicas e de equivalência. Deve-se estudar esses termos cuidadosamente, inclusive muitas vezes, defini-los e traduzi-los. Aqui é onde entra a terminologia. Se um tesouro é uma linguagem terminológica e um sistema de classificação, qualquer outro sistema classificatório será, deste modo, uma linguagem terminológica.

Pavel *et al* (2008) destacam o papel da Terminologia ao afirmar que as linguagens de especialidade possuem um ideal de monossemita, em que cada termo designa um só conceito. Porém, estando submetidas a um sistema de convenções sociais que evolui, estas linguagens exibem variantes ortográficas, variantes sintáticas e sinônimos. Para os autores, compete aos terminólogos conhecerem bem a semântica, a gramática e as regras de formação de palavras, a fim de saberem distinguir as variantes e melhor

desempenharem suas tarefas em linguagem de especialidade. E poderíamos acrescentar que os profissionais da informação se valem dos conhecimentos da Terminologia para obter apoio no trabalho de controle terminológico e em todo o processo de representação da informação:

Há um ponto em comum entre estas duas ciências: o fato que ambas buscam facilitar a comunicação em linguagens especiais. Poderíamos de certa forma, afirmar que a primeira busca melhorar o fluxo de acesso às informações e a outra melhorar a compreensão e representação dessas informações. (LAAN, 2002, p. 65 )

### 3.4.2.1 TEORIAS DA TERMINOLOGIA

A seguir serão apresentadas duas teorias que constituem os fundamentos da Terminologia: a TGT e a TCT.

#### 3.4.2.1.1 Teoria Geral da Terminologia

Desenvolvida pelo engenheiro austríaco Eugen Wüster na década de trinta, a Teoria Geral da Terminologia (TGT) é a base de todas as escolas de Terminologia. A grande contribuição desta teoria foi a sistematização dos princípios terminológicos que deram à Terminologia um caráter científico próprio, diferenciando-a da atividade lexicográfica (CAMPOS, 2001). A TGT possui um caráter normativo, pois estabelece princípios que objetivam a correspondência exata entre conceitos e termos com a finalidade de facilitar a comunicação nas áreas da Ciência e Tecnologia. Um destes princípios é o da univocidade, que seria a correspondência única entre significante e significado, ou seja, quando um conceito é representado por um único termo. Outro princípio da TGT é a monorreferencialidade, o que significa que um termo pode representar apenas um conceito. Porém, de acordo com Laan (2002, p. 59), este princípio não se confirma:

Essa assertiva encontra respaldo, conforme já citamos anteriormente, nas ditas ciências sistemáticas, como a biologia ou a zoologia, mas



não se confirma na criação terminológica de outras áreas, principalmente nas áreas humanas, cujos termos são unidades lexicais que adquirem estatuto de unidade terminológica no momento em que passam a denominar um conceito de um determinado campo de conhecimento.

Lara (2006) complementa esta colocação afirmando que, ao privilegiar os ideais de uma linguagem unívoca, homogênea, sincrônica<sup>6</sup> e universal, supostamente livre de ambigüidades e imprecisões, a função primordial da linguagem, que é ser instrumento de comunicação, fica prejudicada.

Outros fundamentos da TGT são as noções de termo, conceito e definição. O conceito é uma unidade de pensamento, uma construção mental, própria de um indivíduo que observa a realidade, sendo constituído de características, que refletem as propriedades de um objeto ou uma classe de objetos. O termo é o símbolo lingüístico que representa o conceito, sendo considerado uma unidade de comunicação. A definição é uma forma de descrição do conceito e é a chave para o trabalho científico.

Wüster trouxe muitas outras contribuições através de sua teoria, como as noções de sistemas de conceito e relações entre os conceitos, por exemplo, que são as bases do trabalho terminológico e foram incorporadas por outras teorias. Outra contribuição seria o fato de a TGT ter servido de base ao Comitê 37 da ISO – Fundamentos da Terminologia. (CAMPOS, 2001).

---

<sup>6</sup> A **visão sincrônica** ou **perspectiva sincrônica** da Lingüística visa a estabelecer os princípios fundamentais pertencentes a um determinado estado de língua. Quando se fala em estado de língua é necessário considerar uma época, a qual é delimitada por acontecimentos repentinos que ocasionam modificações no estado de língua em questão. O estudo sincrônico enfoca o sistema lingüístico em funcionamento num determinado momento, sem a perspectiva histórica, em oposição ao estudo diacrônico, que estuda as relações entre os termos sucessivos que se substituem uns aos outros ao longo do tempo. Wikipedia, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sincronia> e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Diacronia>. Acesso em 11 set. 2009.

### 3.4.2.1.2 Teoria Comunicativa da Terminologia

Apresentada por Maria Teresa Cabré nos anos 90, a TCT surge como uma resposta às limitações da teoria de Wüster e hoje já se constitui em um novo paradigma na Terminologia.

Apesar de reconhecer o valor do modelo de Wüster e sua contribuição à Terminologia, Cabré (2005, p.7) o considera um tanto reducionista e tendencioso:

En nuestra opinión, la teoría que Wüster elaboró, aunque no sea únicamente .como defienden sus seguidores- una teoría prescriptiva, solo describe una parte de los datos terminológicos, los contenidos en diccionarios normalizados. En consecuencia, la teoría que se elaboró a partir de estos datos es una teoría sesgada. Toda teoría debe tener como finalidad esencial describir los datos reales y representativos, debe ser coherente internamente y tener capacidad predictiva.

De acordo com Barros (2004), a TCT não aceita a distinção drástica entre termo e palavra, como ocorria com a TGT. Os termos são considerados unidades lingüísticas que exprimem conceitos técnicos e científicos, mas que não deixam de ser signos da linguagem natural. A polissemia, a homonímia, a sinonímia e a variação lingüística passam a ser não apenas aceitas, como previstas e tratadas em um estudo terminológico de perspectiva comunicativa.

Outros aspectos da TCT são o princípio de que o termo é poliédrico - tem uma dimensão lingüística, uma cognitiva e uma dimensão social – e o princípio do carácter comunicativo da terminologia, segundo o qual toda unidade terminológica tem uma finalidade comunicativa (LARA, 2006; LAAN, 2002).

Conforme Barros (2004), a TCT tem conquistado cada vez mais adeptos entre os especialistas da área, pois formaliza observações feitas em décadas de trabalho, instrumentalizando estes profissionais com uma ferramenta mais próxima da realidade.

### 3.4.3 TERMINOLOGIA E LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS

Após este breve panorama sobre Terminologia foi possível observar a presença inquestionável de seu caráter interdisciplinar. Neste contexto, cabe-nos ressaltar a importância desta disciplina como base no processo de representação da informação, pois somente através dos seus princípios é que se estabelecerá um eficiente elo entre a linguagem do usuário e o SRI. Esta situação se torna mais evidente na elaboração dos tesouros, em que se deve observar uma série de regras, desde a seleção do material que servirá de base a este instrumento até sua apresentação ao usuário final.

É com o auxílio da Terminologia que os profissionais da informação terão o respaldo necessário para sistematizar os conhecimentos de uma dada área. Faz parte deste processo o conhecimento da linguagem do usuário, observada em situação discursiva, sua tradução para a linguagem a ser utilizada no SRI e a busca da conexão entre as diferentes formas de representação dos conceitos, para que haja um mínimo de silêncio no processo de recuperação da informação.

## **4 METODOLOGIA**

A metodologia adotada para a elaboração do micro-tesauro de Organização da Informação (APÊNDICE A) consiste em uma intersecção de duas bases teóricas: a de Gomes, Campos e Motta (2004) em seu Tutorial de Elaboração de Tesauro Documentário e a de Laan (2002) em sua tese de doutorado.

### **4.1 ESTUDO PRÉVIO**

Antes de dar início ao planejamento do tesauro, foi feita uma pesquisa em tesouros monolíngües da área de Biblioteconomia, disponíveis gratuitamente na Internet. Restringiu-se a pesquisa a tesouros de língua portuguesa e espanhola e foram eleitos três deles para uma avaliação mais direcionada: o TCI (Tesauro de Ciências da Informação), disponibilizado pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Minas Gerais, o DOCUTES (tesauro da Universidade de Léon, na Espanha) e o Tesauro de Biblioteconomía y Documentación, do antigo CINDOC, hoje Instituto de Estudos Documentais sobre Ciência e Tecnologia, também da Espanha. A partir desta análise foi iniciado o delineamento do trabalho.

### **4.2 EQUIPE DE TRABALHO**

A equipe de trabalho para a construção deste estudo-piloto foi constituída por:

- a) uma aluna do curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia da UFRGS, em fase de conclusão de sua graduação;

b) uma professora orientadora de trabalho de conclusão de curso, doutora em Letras pela UFRGS (2002).

OBS: Atuaram como consultores *ad hoc* três especialistas para a etapa de validação dos termos que fazem parte do tesauro, porém eles não fazem parte da equipe de trabalho.

#### **4.3 DELIMITAÇÃO DA ÁREA**

A área de abrangência do micro-tesauro é a área de Biblioteconomia. Nesta área foi feito um recorte, sendo que a subárea escolhida foi Organização da Informação devido ao acesso facilitado a especialistas.

Por ser apenas um estudo piloto, o micro-tesauro de Organização da Informação não pretendeu cobrir a toda a Terminologia da referida área, pois se limitou a apresentar apenas os termos que tiveram maior ocorrência na etapa de coleta.

#### **4.4 PÚBLICO ALVO**

O público alvo deste estudo-piloto são alunos dos cursos de graduação em Biblioteconomia, bem como bibliotecários interessados na elaboração de tesauros.

#### **4.5 CORPUS TEXTUAL**

O *corpus* textual que serviu de base para a construção deste estudo-piloto constituiu-se de textos (livros, capítulos de livros, artigos, teses e dissertações) escritos em português do Brasil, produzidos por especialistas da

área de Biblioteconomia publicados no período de 2004 a 2009. A temática selecionada foi a área de Organização da Informação.

#### **4.6 COLETA DOS CANDIDATOS A DESCRITOR**

A coleta dos candidatos a descritor se deu em situação discursiva real. Os termos foram coletados manualmente e registrados em uma ficha de coleta (ANEXO A), que contém os seguintes campos básicos: termo coletado, contexto discursivo (ou seja, a parte do texto de onde foi extraído o termo), fonte (referência bibliográfica) e definição do termo.

Salienta-se que, além da forma manual de coleta, há também a opção automatizada, como a possibilitada por ferramentas como o Corpógrafo. Desenvolvido pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), o Corpógrafo é um gestor de *corpus* utilizado para pesquisas terminológicas, ou seja, para a extração de termos e sua organização em bases de dados. Disponibiliza ferramentas como os concordanciadores, contadores de frequência e, também, ferramentas de pré-processamento de *corpus*, como as de limpeza e sentenciadores. Optou-se pela coleta manual por ser um tesouro de pequenas proporções e com objetivo de estudo metodológico.

#### **4.7 ELABORAÇÃO DE GLOSSÁRIO E VALIDAÇÃO DOS DESCRITORES**

O glossário foi elaborado a partir de comparações entre o respectivo contexto discursivo dos candidatos a descritor e as definições encontradas em dicionários e glossários especializados da área de Biblioteconomia. Esta etapa já se constituiu em uma primeira validação, pois através dela foi verificado se os termos coletados são oficialmente aceitos na área. Com isto, percebeu-se que a validação dos descritores e de suas respectivas definições se dá através de dois tipos de fontes:

a) fontes impressas (garantia literária): além dos dicionários e glossários especializados, foram consultados também o Tesouro de Biblioteconomía do Instituto de Estudios Documentales sobre Ciencia Y Tecnología (antigo CINDOC) e o DOCUTES -Tesouro de Ciencias de la Documentación da Universidade de León. Porém, a principal fonte impressa de validação das definições foi o Glossário de Organização e Tratamento da Informação, de autoria de Bonotto, Ferreira e Laan (no prelo).

b) fontes pessoais (garantia dos especialistas): validação por especialistas da área, que atuaram como consultores *ad hoc*.

#### **4.8 CONSTRUÇÃO DO MAPA CONCEITUAL**

Em seguida foi realizada a representação gráfica da estrutura conceitual da área de Organização da Informação sob a forma de um mapa conceitual. O programa utilizado para a confecção do mapa conceitual foi o Cmap Tools versão 5.03, por ser uma ferramenta gratuita e de fácil manuseio, com interface amigável.

Para a elaboração do mapa conceitual foram adotadas divisões utilitárias, de acordo com alguns critérios de organização que no mapa aparecem apenas como elementos organizadores, e que no tesouro não são considerados categorias.

#### **4.9 FORMA DE APRESENTAÇÃO DO TESAURO**

A penúltima fase da elaboração do micro-tesouro de Organização da Informação consistiu na estruturação do arranjo de seus termos. A forma principal de apresentação dos termos é a alfabética e dentro desta ordem, são apresentadas as relações entre os termos.

Para a construção deste piloto não foi utilizado nenhum software específico, porém há vários disponíveis, em sua maioria pagos, como o

Multites e o Lexico 3. Uma opção de software gratuito é o Tematres, que está em sua versão 1.32, disponível desde 2009. No site do tesouro DOCUTES, da Universidade de Léon, há uma lista de programas para elaboração de tesouros, com links para os tesouros que foram construídos a partir destes programas.

#### **4.10 EDITORAÇÃO DO TESAURO**

A última etapa da elaboração do micro-tesauro foi sua parte introdutória, em que foi redigida a apresentação do tesouro aos seus usuários reais/potenciais. Nesta parte constam os objetivos do tesouro, sua cobertura, sua forma de apresentação, esclarecimentos sobre a apresentação gráfica dos descritores e dos não-descritores, explicações sobre o significado das siglas utilizadas para indicar as relações entre os termos, além de outras informações.



## **5 AVALIAÇÃO DA METODOLOGIA UTILIZADA**

Após este estudo avaliativo foi possível comprovar a validade da metodologia utilizada. Este sistema de trabalho possibilita uma adequada evolução na construção de tesouros, pois cada etapa permite que se chegue à etapa seguinte com segurança e economia de tempo. Se seguida à risca e na ordem recomendada, esta metodologia facilita o trabalho de seu utilizador na medida em que não é necessário voltar a etapas anteriores para corrigir falhas.

### **5.1 A IMPORTÂNCIA DE UM LEVANTAMENTO PRÉVIO**

Verificou-se que, antes mesmo da etapa do planejamento, é importante que se faça uma vasta pesquisa em busca de outros tesouros na área de interesse escolhida, o que atualmente é algo bem simples, pois muitos destes instrumentos estão disponíveis gratuitamente na Internet. Esta busca deve ser feita de forma direcionada, de preferência tendo à mão uma ficha de análise de tesouros para fazer anotações (ANEXO B). Aspectos como as informações introdutórias, estruturais e funcionais do tesouro devem ser analisados. Esta análise é fundamental para que se observem os pontos positivos e negativos dos tesouros avaliados, evitando, obviamente, cometer os mesmos equívocos observados, bem como procurando seguir os moldes dos tesouros considerados de boa qualidade. Após a análise de algumas amostras, deve-se inclusive decidir se realmente é necessário construir uma nova ferramenta ou se as já existentes, com as características que possuem, são suficientes.

## 5.2 PLANEJAMENTO

Com este estudo foi possível observar que o sucesso na elaboração de um tesouro depende, em grande parte, de um planejamento adequado, em que se definem seus objetivos, a equipe de trabalho, sua metodologia de elaboração, sua área de abrangência e idioma, o *corpus* textual que servirá de fonte para a coleta dos termos, entre outras resoluções, sempre procurando prever problemas e soluções. A equipe de trabalho precisa tomar uma série de decisões políticas, como por exemplo, deve delimitar o período/data do material que servirá de fonte, os métodos de coleta dos candidatos a descritor e os critérios de determinação do descritor autorizado. Também deve decidir sobre a forma de apresentação do tesouro, se será utilizado algum software (e escolha do mesmo em caso afirmativo), o período de atualização e formas de divulgação, tudo isto sempre de acordo com os objetivos e com o público-alvo do tesouro.

Os aspectos a serem levados em conta no planejamento devem ser observados nos mínimos detalhes, definindo-se com clareza que atividades fazem parte de cada etapa e quem irá executá-la. O tempo de execução de cada fase deve ser definido levando-se em conta possíveis imprevistos como, por exemplo, atrasos na etapa da validação do glossário por especialistas.

Após serem tomadas todas as decisões inerentes à etapa do planejamento, sugere-se testar a metodologia escolhida através de um estudo piloto para depois iniciar o trabalho propriamente dito. Isto possibilitará avaliar tanto a metodologia quanto a adaptação da equipe de trabalho a ela. Podem aparecer problemas e contratemplos que ficam mais fáceis de serem contornados em um trabalho de menores proporções, servindo como um treinamento para a equipe. Este estudo pode antecipar, por exemplo, a existência de mais material em determinada(s) subárea(s) e a carência em outra(s), o que pode originar um tesouro deficiente, com inchaços e lacunas. Esta sugestão vale principalmente para o caso de construção de tesouros de maiores proporções, em que eventuais problemas podem significar até o abandono do projeto.

Um planejamento bem feito, além de economizar tempo e evitar desperdício de recursos, possibilita que o resultado do trabalho tenha maior qualidade e eficiência.

### **5.3 COLETA DOS CANDIDATOS A DESCRITOR**

Observou-se que a coleta dos candidatos a descritor em situação discursiva real é fundamental porque é ali que está presente o discurso dos especialistas. Desta forma foi possível identificar variações terminológicas, homonímia, sinonímia, entre outros. A esse respeito, Laan (2002, p. 18) afirma que:

... os descritores serão melhor definidos se tratados na perspectiva de unidades lexicais especializadas utilizadas no discurso de uma determinada área do conhecimento. Assim sendo, os descritores representariam a linguagem dos especialistas e, portanto, de modo geral, não deveria haver nenhum conflito entre as expressões de busca utilizadas pelos usuários e os termos de indexação utilizados na base de dados de um SRI.

Tálamo, Lara e Kobashi (1992) acrescentam ainda que a adoção de procedimentos como este pode assegurar a eficácia dos tesouros enquanto instrumentos de controle terminológico com fins de recuperação da informação, sendo que a garantia literária que procede à seleção dos conceitos mais freqüentes para a representação da informação garante a proximidade entre o vocabulário a ser utilizado para a representação e o universo do conhecimento expresso nos textos.

### **5.4 ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO**

Através da elaboração do glossário foi possível perceber sua importância, visto que ele permite uma adequada compreensão conceitual da área por parte de quem o está confeccionando. Tristão, Fachin e Alarcon (2004) afirmam que a definição do termo é importante, na medida em que ele

fornece características do conceito que vão possibilitar seu agrupamento, a formação das categorias e indicar as relações que estarão presentes no tesouro.

Tálamo, Lara e Kobashi (1992, p.199) complementam:

O tesouro, para se constituir como instrumento efetivo de controle terminológico e de representação de informação, deve sustentar-se em um dicionário terminológico, a partir do qual a rede de relações lógico-semânticas entre os descritores definir-se-ia com maior clareza, beneficiando tanto o trabalho de indexação, quanto a elaboração de equações de busca.

A validação do glossário possibilita que haja maior confiabilidade das definições, através da garantia literária e da garantia dos especialistas. Com o glossário já validado, é possível compreender o significado correto dos termos, condição essencial para dar seguimento à próxima etapa da elaboração do tesouro: a construção do mapa conceitual.

## **5.5 CONSTRUÇÃO DO MAPA CONCEITUAL**

Constatou-se que a importância da construção do mapa conceitual se deve ao fato de que através da representação gráfica é possível visualizar a estrutura conceitual de toda a área temática do tesouro, o que serve de base para a construção das relações entre os termos/conceitos no tesouro.

A esse respeito, Lima (2004, p. 137) coloca que “O mapa conceitual nos permite, pois, entender de forma facilitada e, à primeira vista, estruturas de informação.” A autora afirma que uma das principais funções da mente é interpretar as informações e transformá-las em conhecimento, o que se torna mais fácil quando as mesmas são apresentadas em formato gráfico. Lima (2004, p. 137) também chama a atenção para a importância do mapa conceitual como instrumento de auxílio ao profissional da informação:

O mapa conceitual, com sua característica gráfica, é um instrumento poderoso para permitir a compreensão das relações entre os conceitos e do conhecimento no todo. Para o cientista da informação, que lida com a análise de assunto para a estruturação de certa área do conhecimento, o mapa conceitual pode tornar-se um instrumento importante para ajudá-lo a entender e a lidar com estruturas informacionais. (LIMA, 2004, p. 137)

Com a confecção do mapa conceitual foi possível verificar também que uma maneira mais rápida e fácil de construí-lo é, antes de se partir para a representação gráfica propriamente dita, agrupar os termos em grandes categorias, podendo este agrupamento ser feito em forma de listas de termos. Após esta primeira divisão, é possível ir identificando subcategorias, e assim sucessivamente até que não haja mais como subdividir os assuntos. Com este método torna-se mais fácil iniciar a representação visual da área.

Importante salientar que, após estar pronta uma versão preliminar do mapa conceitual, seria interessante que houvesse novamente a validação por especialistas. Isto é necessário para que se tenha a oportunidade de refletir sobre as relações estabelecidas no mapa, buscando sanar deficiências ou mesmo corrigir equívocos conceituais, para que os mesmos não se perpetuem no tesouro.

## **5.6 ELABORAÇÃO DO TESAURO**

Se todas as etapas foram seguidas corretamente, a confecção do tesouro ocorrerá sem maiores dúvidas, pois ela é apenas consequência de todo o trabalho anterior. O tesouro tende a ter um bom nível de correção, clareza e organização e, conseqüentemente, será bastante confiável:

Com uma estrutura bem elaborada, o tesouro, se disponibilizado para o pesquisador, constitui-se em um excelente recurso de busca. O usuário pode orientar-se quanto à estratégia a ser formulada, definindo o caminho para localizar a informação que melhor atenda às suas expectativas. (SOUTO, 2003, p.80)

O mapa conceitual serviu como um norte no momento da elaboração do tesouro, pois para acrescentar as relações de cada termo ele foi consultado, comprovando a eficiência e validade da metodologia avaliada.

## 5.7 EDITORAÇÃO DO TESAURO

Finalizada a editoração, foi possível verificar que esta, assim como as etapas anteriores, é essencial para o bom funcionamento do tesauro. É através dela que o usuário entenderá como se utiliza esta ferramenta. As explicações devem ser claras e objetivas, contendo exemplos elucidativos e possibilitando compreender toda a organização da linguagem documentária, suas limitações e possibilidades de emprego. “Tais esclarecimentos [...] têm a finalidade de facilitar a compreensão e utilização de um tesauro, sem que se faça necessário um longo estudo do mesmo como um todo.” (LAAN, 2002, p. 87).

Para o indexador é fundamental que, na parte introdutória do tesauro, conste também a metodologia adotada para sua elaboração, para que ele tome conhecimento de todo o caminho percorrido até a chegada ao produto final, que é o tesauro. Importa a ele saber como foi feita a coleta dos termos candidatos a descritor, qual o critério de escolha do descritor autorizado, se há ou não um dicionário/glossário que embase o tesauro, dentre outras informações relevantes.

O tesauro DOCUTES e o Tesauro de Folclore e Cultura Popular Brasileira são dois bons exemplos no quesito editoração, pois são bem didáticos. O Tesauro de Folclore é bem objetivo e esclarecedor. O DOCUTES tem uma sessão inteira que define os conceitos presentes na área de Representação da Informação, explicando o que são Linguagens Documentárias, o que é um Tesauro, o que são descritores, não-descritores, os diferentes tipos de relações entre os termos, entre outros.

## 5.8 DIFICULDADES ENCONTRADAS

Dentre as principais dificuldades encontradas está a inconsistência no uso da Terminologia da área de Organização da Informação. Observaram-se divergências na compreensão dos termos da área pelos diferentes autores

encontrados na literatura, manifesta de forma mais evidente durante a elaboração do glossário. As discordâncias presentes na literatura se manifestaram também na opinião dos especialistas durante a etapa de validação do glossário e correção do mapa conceitual, sendo necessário tomar decisões pragmáticas que buscassem uma aproximação com a forma consagrada de uso de alguns termos.

Outro entrave que surgiu foi na fase de construção do mapa conceitual e refere-se ao software CMpap Tools, que, embora tenha uma interface amigável e funcionamento lógico, apresenta algumas limitações. Uma delas é o fato de não oferecer a opção de criar categorias sem os organizadores, que seriam espécies de etiquetas responsáveis por informarem os critérios utilizados para a criação destas categorias. Como nem sempre é necessário que haja estas etiquetas, esta limitação fez com que o mapa aparentasse possuir lacunas na visualização de suas linhas.

Observe-se que nenhum dos problemas citados refere-se à metodologia adotada e sim a particularidades da área escolhida como tema central do tesouro e ao software eleito para a confecção do mapa conceitual. Esse fato ratifica a afirmação inicial de que a metodologia avaliada é adequada e positiva, portanto eficiente no seu propósito.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através deste estudo foi possível compreender a importância de escolher uma metodologia eficiente na construção de tesouros. Uma ferramenta tão importante na busca e recuperação da informação deve ser elaborada com o máximo de responsabilidade e utilizando-se métodos confiáveis e coerentes, como o método avaliado neste estudo.

A escolha inadequada da metodologia pode resultar em um tesouro com falhas e equívocos conceituais, além de perda de tempo na sua elaboração. Desnecessário frisar o quanto isto prejudica um sistema de informação, gerando falta de credibilidade por parte dos usuários, que irão em busca de outro serviço, mais eficiente.

Conclui-se enfatizando a responsabilidade do profissional da informação na escolha de uma metodologia adequada para a elaboração de tesouros. O que pode parecer apenas uma decisão operacional reflete diretamente na qualidade dos serviços prestados em uma unidade de informação. E assim como um serviço de informação confiável tende a se perpetuar, aquele que não oferece credibilidade tende a desaparecer.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos; OLIVEIRA, Leandro Henrique Mendonça de; ALUISIO, Sandra Maria. A Terminologia na Era da Informática. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, Jun 2006. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000200016&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200016&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 19 Abr. 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12676**: Métodos para análise de documentos: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992.

BAPTISTA, Dulce Maria. O Impacto dos Metadados na Representação Descritiva. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.12, n.2, p. 177-190, jul./dez. 2007.

BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da USP, 2004. Também disponível em: <http://books.google.com.br>. Acesso em: 12 set. 2009.

BURIN, Camila Koerich. **O Ensino de Biblioteconomia na Região Sul do Brasil**: análise dos projetos pedagógicos dos cursos à luz das Diretrizes Curriculares Nacionais. Florianópolis, 2009. Dissertação (Mestrado). Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PCIN0042-D.pdf>. Acesso em 30 set. 2009.

CABRÉ, Maria Teresa. **La Terminología**: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: IULA; Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CABRÉ, Maria Teresa. La Terminología, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos del futuro. **Debate Terminológico**, RITERM (Red Iberoamericana de Terminología), n.1, v.1, 2005. Disponível em: [http://www.riterm.net/revista/n\\_1/index.htm](http://www.riterm.net/revista/n_1/index.htm). Acesso em 12 set. 2009.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **Linguagem Documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói, RJ: EdUFF, 2001.

CAVALCANTI, Cordelia Robalinho. **Indexação & Tesauro**: metodologia & técnicas. Brasília: ABDF, 1978.

CINTRA, Ana Maria *et al.* **Para Entender as Linguagens Documentárias.** São Paulo: Pólis, 2002.

CURRÁS, Emília. **Tesauros, Linguagens Terminológicas.** Brasília: IBICT, 1995.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do Conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 101-107, 1978.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

ELABORAÇÃO de Tesouro Documentário: tutorial. In: Conexão Rio Web Design. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bit/tesouro/>. Acesso em: 15 set. 2009.

GOMES, Hagar Espanha; CAMPOS, Maria Luiza Almeida. Metodologia de Elaboração de Tesouro Conceitual: a categorização como princípio norteador. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11, n.3, Set./Dez. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362006000300005&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362006000300005&script=sci_arttext&tlng=en). Acesso em 13 set. 2009.

GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. **Introdução Geral às Ciências e Técnicas da Informação e Documentação.** Brasília: IBICT, 1994.

JESUS, Jerocir Botelho Marques de. **Tesouro**: um instrumento de representação do conhecimento em Sistemas de Recuperação da Informação. Recife, 2002. Disponível em: [http://66.102.1.104/scholar?q=cache:7ON4FZ\\_rUI](http://66.102.1.104/scholar?q=cache:7ON4FZ_rUI) Acesso em 31 ago 2009.

KOBASHI, Nair Yumiko. Fundamentos Semânticos e Pragmáticos da Construção de Instrumentos de Representação de Informação. **DataGramZero** - Revista de Ciência da Informação, v.8 n.6 dez. 2007.

LAAN, Regina Helena van der. **Tesouro e Terminologia**: uma inter-relação lógica. Porto Alegre, 2002. Tese (Doutorado).

LAAN, Regina Helena van der. **Análise Temática.** Disciplina Linguagens Alfabéticas de Indexação. Porto Alegre: UFRGS / FABICO / DCI, 2005.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Linguagem Documentária e Terminologia. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n.3, p. 231-240, set/dez. 2004.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Novas Relações entre Terminologia e Ciência da Informação na Perspectiva de um Conceito Contemporâneo da Informação. **DataGramZero** – Revista de Ciência da Informação, v.7, n. 4, ago. 2006.

LIMA, Gercina Ângela Borém. Mapa Conceitual como Ferramenta para Organização do Conhecimento em Sistema de Hipertextos e seus Aspectos Cognitivos. **Perspectivas em Ciências da Informação**, Belo Horizonte, v.9 n.2, p. 134-145, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/355/164>. Acesso em 31 mai de 10.

PAVEL, Silvia *et al.* **Curso Interativo de Terminologia**. Disponível em: [http://www.btb.termiplus.gc.ca/didacticiel\\_tutorial/portugues/lecon1/page1\\_2\\_2\\_p.html](http://www.btb.termiplus.gc.ca/didacticiel_tutorial/portugues/lecon1/page1_2_2_p.html). Acesso em: 07 set. 2009.

PALHARES, Manoel. **TCI – Tesouro de Ciência da Informação**. Disponível em: <http://www.inf.pucminas.br/ci/tci/>. Acesso em 06 set. 2009.

SMIT, Johanna W.; TÁLAMO, Maria de Fátima G. Moreira; KOBASHI, Nair Yumiko. A Função da Terminologia na Construção do Objeto da Ciência da Informação. **DataGramZero** – Revista de Ciência da Informação, v.2, n. 2, abr. 2001.

SOUTO, Leonardo Fernandes. Recuperação de Informações em Bases de Dados: usos de tesouro. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n.1, p. 73-81, jan/abr. 2003.

TÁLAMO, Maria de Fátima G. Moreira; LARA, Marilda Lopes Ginez de; KOBASHI, Nair Yumiko. Contribuição da Terminologia para a Elaboração de Tesouros. **Ciência da Informação**, Brasília, v.21, n.3, p. 197-200, set./dez. 1992. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1282/917>. Acesso em 31 mai. 10.

TRISTÃO, Ana Maria Delazari; FACHIN, Gleisy Regina Bóries; ALARCON, Orestes Estevam. Sistema de Classificação Facetada e Tesouros: instrumentos para organização do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, maio/ago. 2004.

## **APÊNDICE A - MICRO-TESAURO DE ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Dóris Fraga Vargas

**MICRO-TESAURO DE ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO**

**Porto Alegre, 2010**

Dóris Fraga Vargas

## **MICRO-TESAURO DE ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO**

Trabalho desenvolvido como parte integrante de monografia apresentada no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Porto Alegre, 2010**

**SUMÁRIO**

<b><u>INTRODUÇÃO</u></b>	<b>55</b>
<b>ÂMBITO TEMÁTICO</b>	<b>56</b>
<b>PÚBLICO-ALVO</b>	<b>56</b>
<b>IDIOMA</b>	<b>67</b>
<b>TERMOS</b>	<b>56</b>
<b>FORMA DE APRESENTAÇÃO</b>	<b>57</b>
<b>RELAÇÕES E CONVENÇÕES</b>	<b>58</b>
<b><u>GLOSSÁRIO</u></b>	<b>59</b>
<b><u>MAPA CONCEITUAL</u></b>	<b>72</b>
<b><u>TESAURO</u></b>	<b>79</b>
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</b>	<b>100</b>

## INTRODUÇÃO

Um tesouro é um dos mais conhecidos tipos de linguagem documentária, sendo um instrumento que reúne termos escolhidos a partir de uma estrutura conceitual previamente estabelecida e destinados à recuperação de documentos e informações em uma área específica do conhecimento. Seu arranjo está ligado à idéia expressa pelos termos nele dispostos e às relações possíveis entre os mesmos. Eis aí seu diferencial de um léxico comum, em que o objetivo é apenas informar o significado das palavras.

O tesouro também tem um valor didático, pois utiliza conceitos específicos da área do conhecimento que contempla e permite, por meio das relações entre os termos, uma melhor compreensão da área a que se refere. Além desta vantagem, tem também como objetivos principais:

- Facilitar a padronização da linguagem da área, o que auxilia na indexação e recuperação de informações;
- Facilitar a identificação e denominação de termos e conceitos, visando à total possibilidade de recuperação das informações pesquisadas.

O micro-tesouro de Organização da Informação é o resultado de um trabalho desenvolvido no período de agosto de 2009 a maio de 2010 pela aluna Dóris Fraga Vargas, como parte da atividade de Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Regina Helena van der Laan.

Como apoio para o estabelecimento de uma metodologia, utilizou-se, para a elaboração do micro-tesouro de Organização da Informação, uma intersecção de duas bases teóricas: a de Gomes, Campos e Motta (2004) em seu Tutorial de Elaboração de Tesouro Documentário e a de Laan (2002) em sua tese de doutorado.

Como norma de construção de tesouros utilizou-se o Tutorial de Elaboração de Tesouro Documentário, disponível em: <http://www.conexaorio.com/bit/tesouro/>.



## **ÂMBITO TEMÁTICO**

A área de abrangência do micro-tesauro é a área de Biblioteconomia. Nesta área foi feito um recorte, sendo que a subárea escolhida foi Organização e Tratamento da Informação.

## **PÚBLICO-ALVO**

Alunos dos cursos de graduação em Biblioteconomia e bibliotecários.

## **IDIOMA**

Tesauro monolíngüe com a totalidade dos termos em língua portuguesa.

## **TERMOS**

É chamada de termo a palavra ou expressão que foi escolhida para representar um conceito, uma única idéia dentro de um contexto específico. Os termos de um tesauro podem ser divididos em descritores e não descritores, sendo os descritores os termos autorizados ao uso para indexação.

Os termos aqui presentes foram recolhidos em textos produzidos por especialistas da área de Biblioteconomia (livros, capítulos de livros, artigos, teses e dissertações) escritos em português do Brasil, publicados no período de 2004 a 2009, disponíveis em meio impresso e/ou eletrônico.

A validação das definições dos descritores foi feita através da consulta a obras de referência da área, tais como o Glosario sobre Organización y Representación del Conocimiento (BARITÉ, 1997) e os tesauros DOCUTES e

Tesouro de Biblioteconomía y Documentación, ambos disponíveis on line. Porém, a principal fonte impressa de validação das definições foi o Glossário de Organização e Tratamento da Informação, de autoria de Bonotto, Ferreira e Laan (no prelo). A validação por especialistas deu-se através da consulta às professoras Glória Ferreira, Letícia Strehl e Regina Helena van der Laan. O critério de determinação do descritor preferido foi a ocorrência. A data de inclusão do último termo foi em 04 de Maio de 2010.

Pela dinamicidade inerente a um tesouro, novos termos podem ser inclusos no momento em que se identificar a necessidade junto aos usuários e de acordo com o desenvolvimento científico da área abrangida.

## NÚMERO DE TERMOS

Total: **138**

Descritores: **104**

Não descritores: **34**

## FORMA DE APRESENTAÇÃO

O micro-tesouro de Organização da Informação apresenta seus termos em ordem alfabética, sendo precedido por um glossário, cujo objetivo é clarificar os conceitos existentes. Após o glossário segue-se um mapa conceitual, o que facilita a visualização gráfica dos conceitos e suas relações.

Os termos descritores apresentam-se em caixa-alta para diferenciá-los dos não descritores.

## RELAÇÕES E CONVENÇÕES

O micro-tesauro de Organização da Informação apresenta dois tipos de relações:

- entre os conceitos: representando a rede conceitual da área temática por meio de relações hierárquicas (gênero/espécie; todo/parte; tipo de) e associativas;

- entre os termos (relações semânticas): estabelecendo equivalências entre descritores e não descritores.

Para representar estas relações convencionou-se utilizar as seguintes siglas:

TG (termo geral), TE (termo específico), TA (termo associado), USE (termo autorizado/descritor), UP (termo não autorizado).

Exemplos:

**Relação Geral/Específico:**

CATÁLOGO  
TE: Catálogo em Linha

**Relação Associativa:**

ENTRADA DE AUTORIA COLETIVA  
TA: Entrada de Autoria Pessoal

**Relação de Equivalência:**

Leitura Técnica  
USE ANÁLISE DO DOCUMENTO

## GLOSSÁRIO DE ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

1. ANÁLISE DE ASSUNTO – Processo em que há a identificação do conteúdo intelectual de uma obra, sendo a operação base que permeia o processo de representação/recuperação da informação. Abrange a compreensão e interpretação do conteúdo informativo, objetivando a extração de conceitos. OD: Análise Temática, Análise Conceitual, Análise Documentária.
2. Análise Conceitual *Ver* ANÁLISE DE ASSUNTO
3. Análise Documentária – *Ver* ANÁLISE DE ASSUNTO
4. ANÁLISE DO DOCUMENTO – processo que objetiva a extração de informações significativas do documento analisado para a sua representação temática e descritiva. OD: Leitura Técnica.
5. Análise Temática *Ver* ANÁLISE DE ASSUNTO
6. Argumento de busca *Ver* EXPRESSÃO DE BUSCA.
7. ASSUNTO – conteúdo ou tema tratado em uma obra por um ou mais autores, podendo ou não estar evidente no título da mesma.
8. ASSUNTO COMPLEXO – assunto formado por duas ou mais facetas de classes básicas diferentes, ou por diferentes classes básicas que tenham uma característica interdisciplinar.
9. ASSUNTO COMPOSTO – assunto formado por duas ou mais facetas de uma mesma classe básica.
10. ASSUNTO SIMPLES – assunto formado por uma classe básica ou por apenas uma faceta de uma classe básica.
11. AUTORIDADE – ponto de acesso autorizado na catalogação, podendo ser um nome, um título uniforme ou um assunto.
12. AVALIAÇÃO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO - Trabalho interdisciplinar que objetiva avaliar um ou mais aspectos de um sistema de informação, como a qualidade da informação disponibilizada (informação como produto), a eficiência dos serviços prestados, o nível de eficácia do sistema (como a facilidade de uso, o tempo de resposta, a flexibilidade), o nível de satisfação dos usuários, entre outros.
13. Cabeçalho – *Ver* PONTO DE ACESSO

14. CABEÇALHO DE ASSUNTO – palavra ou expressão que representa um assunto em um catálogo, servindo como ponto de acesso.
15. Cabeçalhos de entidades – *Ver* ENTRADA DE AUTORIA COLETIVA.
16. Cabeçalhos de pessoas – *Ver* ENTRADA DE AUTORIA PESSOAL.
17. CABEÇALHO PRINCIPAL – nos cabeçalhos de assunto, o cabeçalho que antecede qualquer subdivisão.
18. CARACTERÍSTICA – princípio de divisão ou diferença. É o atributo ou qualidade que irá gerar divisões quando acrescentado à classe. O.D.: Princípio de Classificação, Princípio de Divisão.
19. Catalogação Bibliográfica *Ver* REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA.
20. CATÁLOGO – conjunto de entradas catalográficas que descrevem os itens contidos em uma coleção/unidade de informação, indicando a localização desses itens. As entradas são elaboradas de acordo com padrões específicos, sempre tendo em vista o acesso aos itens do acervo.
21. CATÁLOGO COLETIVO – conjunto de entradas catalográficas comum a diferentes instituições, contendo registros de alguns ou de todos os seus documentos, podendo ser ordenado de diferentes formas, de acordo com os objetivos propostos pelo sistema.
22. CATÁLOGO DICIONÁRIO – conjunto de entradas catalográficas dispostas numa única ordem alfabética, independentemente do tipo de entrada (autor, título ou assunto).
23. CATÁLOGO EM LINHA – catálogo cujas informações estão em formato legível por máquina, disponível em rede. O.D.: Catálogo on-line.
24. Catálogo *on-line* – *Ver* CATÁLOGO EM LINHA.
25. CATEGORIA – conjunto de objetos com características comuns, sendo que cada categoria possui termos baseados em apenas uma característica de divisão (Teoria da facetação).
26. CLASSE – conjunto de elementos que possui pelo menos uma característica em comum. Nos sistemas de classificação, a classe corresponde às disciplinas fundamentais em que está dividido o conhecimento.
27. Classificação Analítico-sintética *Ver* SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO FACETADA

- 28 Classificação Bibliográfica *Ver* SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA
- 29 Classificação Cruzada *Ver* ERRO DE CLASSIFICAÇÃO CRUZADA.
- 30 CLASSIFICAÇÃO DECIMAL – sistema de classificação notacional baseado no princípio decimal, em que suas classes e divisões se subdividem em conjuntos de dez. Apresenta uma estrutura hierárquico-enumerativa.
- 31 Classificação Enumerativa *Ver* SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO ENUMERATIVO
- 32 Classificação Facetada *Ver* SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO FACETADA
- 33 Classificação Semi-facetada *Ver* SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO SEMI-FACETADA.
- 34 CONCEITO – unidade de pensamento constituído por propriedades comuns a uma classe de objetos. O conceito pode ter seu conteúdo semântico re-expresso pela combinação de outros conceitos.
- 35 CONTROLE DE AUTORIDADE – processo que objetiva a manutenção da padronização do formato empregado para representar um ponto de acesso em um catálogo de biblioteca.
- 36 Descrição Bibliográfica *Ver* REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA.
- 37 DESCRITOR – Palavra ou grupo de palavras que representam um conceito de uma área de conhecimento, geralmente aparecendo em linguagens documentárias como os tesouros. OD: Termo preferido.
- 38 Entrada – *Ver* PONTO DE ACESSO
- 39 ENTRADA ANALÍTICA – registro de parte de um item bibliográfico.
- 40 ENTRADA DE AUTORIA COLETIVA – entrada feita sob o nome de uma instituição pública ou privada, responsável pelo conteúdo intelectual de uma obra.
- 41 ENTRADA DE AUTORIA PESSOAL – entrada feita sob o nome de um ou mais autores, responsáveis pelo conteúdo intelectual de uma obra.
- 42 ENTRADA PRINCIPAL – Registro catalográfico completo de um item bibliográfico, apresentado de forma que seja identificado e citado de maneira uniforme. A entrada principal pode incluir a(s) pista(s) de todos os outros cabeçalhos sob os quais o registro é representado no catálogo.

43 ENTRADA SECUNDÁRIA – entrada adicional à entrada principal, através da qual um item bibliográfico também pode ser representado no catálogo.

44 ERRO DE CLASSIFICAÇÃO CRUZADA - problema decorrente da aplicação de duas ou mais características de divisão ao mesmo tempo, ocorrendo quando há mais de uma possível subdivisão nas quais o mesmo assunto pode ser classificado simultaneamente. O.D.: Classificação Cruzada.

45 ESPECIFICIDADE – nível de exatidão e detalhamento com que os descritores representam o conteúdo temático do documento.

46 ESQUEMA DE CLASSIFICAÇÃO - Plano conceitual que dá origem à tabela de classificação.

47 Esquema de Classificação Enumerativo Ver SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO ENUMERATIVO.

48 ESQUEMA DE CLASSIFICAÇÃO ESPECIALIZADO - tabelas de um sistema de classificação que abrange uma área específica do conhecimento.

49 Esquema De Classificação Facetada Ver SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO FACETADA.

50 ESQUEMA DE CLASSIFICAÇÃO GERAL – tabelas de um sistema de classificação que abrange ou pretende abranger o universo do conhecimento no todo.

51 Esquema de Classificação Semi-Facetada Ver SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO SEMI-FACETADO

52 ESTRATÉGIA DE BUSCA – análise e formulação dos melhores métodos através dos quais uma 'pergunta de busca' pode ser respondida por um sistema de recuperação da informação.

53 ESTRUTURA SINDÉTICA – em um catálogo ou índice, a rede de referências do tipo 'Ver' e 'Ver também', que mostra o relacionamento entre os cabeçalhos ou descritores.

54 ETAPAS DA INDEXAÇÃO – são as etapas a serem seguidas para que se efetive o processo de indexação. Segundo a NBR 12676, são três estas etapas, a saber: o exame do documento e estabelecimento do assunto de seu conteúdo, a identificação dos conceitos presentes no assunto e a tradução desses conceitos para os termos de uma linguagem documentária.

55 EXAUSTIVIDADE – número de conceitos utilizados pelo indexador para representar um documento.

56 EXEMPLAR – cada cópia de um item bibliográfico.

57 EXPRESSÃO DE BUSCA – termo ou expressão utilizada pelo usuário ou profissional da informação durante o processo de recuperação da informação. OD: Argumento de busca, Termo de busca.

58 EXTENSÃO – abrangência dos conceitos reunidos pelas mesmas características.

59 FACETA – qualquer grupo de conceitos que têm características comuns, constituindo uma categoria.

60 GÊNERO – conjunto de fenômenos que abrange dois ou mais grupos ou espécies, conforme um princípio de divisão ou diferença.

61 INDEXAÇÃO – elaboração de índices.

62 INDEXAÇÃO DE ASSUNTO – etapa da análise documentária.

63 INDEXAÇÃO PÓS-COORDENADA – indexação cuja combinação dos termos é efetuada a no momento da recuperação da informação.

64 INDEXAÇÃO PRÉ-COORDENADA – indexação cuja combinação dos termos é realizada no momento da indexação.

65 ÍNDICE – lista de entradas, ordenada segundo determinado critério, onde aparecem enumerados os elementos identificadores de um documento, (autor, assunto, título, etc.) com fins de facilitar seu acesso, já que indica a posição de cada item bibliográfico em uma coleção de documentos.

66 ÍNDICE DE ASSUNTO – listagem alfabética ou sistemática de assuntos, indicando a localização de cada assunto em um documento ou em uma coleção de documentos.

67 ÍNDICE DE AUTOR – listagem de sobrenomes de autores, ordenada alfabeticamente.

68 ÍNDICE DE TÍTULO – listagem de títulos de documentos, ordenada alfabeticamente.

69 INDICE DE REVOCAÇÃO – razão entre a quantidade de registros pertinentes recuperados em uma busca e o total de registros recuperados.

70 INDICE DE RUÍDO – relação entre a quantidade de registros não pertinentes recuperados em uma busca e o número total de registros recuperados.

71 ÍNDICE PÓS-COORDENADO – tipo de índice em que os termos são coordenados no processo de recuperação da informação.



72 ÍNDICE PRÉ-COORDENADO – tipo de índice no qual os termos são coordenados no processo de indexação, pelo bibliotecário.

73 INTENSÃO – conjunto de características de um conceito.

74 ITEM BIBLIOGRÁFICO – documento ou parte dele, ou grupo de documentos, que constituem uma fonte de informação autônoma, independente de seu suporte, constituindo a base para um único registro catalográfico.

75 Leitura Técnica *Ver* ANÁLISE DO DOCUMENTO

76 Linguagem Documentária *Ver* LINGUAGENS DE INDEXAÇÃO

77 LINGUAGENS DE INDEXAÇÃO – vocabulários controlados utilizados para representar e registrar os assuntos dos documentos. São instrumentos que permitem a indexação e recuperação de informações armazenadas em um sistema de informação. As linguagens de indexação são categorizadas por abrangência em universais ou especializadas. Pela forma de apresentação são enquadradas em codificadas (CDD, CDU, LC) e alfabéticas (Cabeçalho de Assuntos e Tesouros). OD: Linguagem Documentária.

78 LINGUAGENS DE INDEXAÇÃO ESPECIALIZADAS – linguagem documentária voltada para uma área específica do conhecimento.

79 LINGUAGENS DE INDEXAÇÃO UNIVERSAIS – linguagem documentária geral que abrange ou pretende abranger todas as áreas do conhecimento.

80 LINGUAGENS DE INDEXAÇÃO ALFABÉTICAS – vocabulário controlado que apresenta um conjunto de termos autorizados para indexação de documentos. Os principais exemplos são as listas de cabeçalhos de assuntos e os tesouros.

81 LINGUAGENS DE INDEXAÇÃO CODIFICADAS – tipo de linguagem documentária que emprega notações numéricas ou alfanuméricas para representar os assuntos dos documentos. Dentre os sistemas codificados mais conhecidos estão os sistemas de classificação bibliográfica como a CDD (Classificação Decimal de Dewey) e a CDU (Classificação Decimal Universal), que são de natureza mais abrangente, visando cobrir todo o espectro de conhecimento.

82 LISTA DE AUTORIDADES – relação de cabeçalhos, entradas ou termos estabelecidos por uma unidade de informação como autorizados para indexação e catalogação.

83 LISTA DE CABEÇALHOS DE ASSUNTO – linguagem documentária constituída por uma relação de cabeçalhos de assunto ordenada alfabeticamente.

84 Machine Readable Cataloging Record *Ver* MARC.

85 MARC – sistema no qual os registros de catalogação são preparados num formato padrão de representação e comunicação de informação bibliográfica, permitindo ao computador reconhecer os elementos e manipulá-los com diversas finalidades. OD: Machine Readable Cataloging Record.

86 MEDIDAS DE AVALIAÇÃO DE SISTEMAS DE RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO - medidas utilizadas para avaliar a eficácia de um sistema de recuperação da informação, medindo a habilidade deste sistema em recuperar documentos relevantes, ao mesmo tempo evitando os não relevantes.

87 NÃO-DESCRITOR- termo que não é empregado na representação dos documentos, mas utilizado como remissiva no índice (Use ou Ver), para instruir o usuário na procura do termo preferido. Pode ser um termo sinônimo ou quase sinônimo de um termo preferido. OD: Termo não-preferido.

88 NOTAÇÃO – conjunto de símbolos (números, letras ou combinação de números e letras) usados para representar assuntos, autorias ou títulos.

89 NOTAÇÃO MISTA – codificação formada por dois ou mais tipos de símbolos, tais como letras e números, para representar os assuntos, autorias ou títulos.

90 NOTAÇÃO PURA – codificação formada por apenas um tipo de símbolo, tais como letras ou números, para representar os assuntos, autorias ou títulos.

91 NÚMERO DE CHAMADA – conjunto de símbolos que identifica e indica a localização de um item bibliográfico em uma unidade de informação. Basicamente é constituído de um número de classificação e de uma designação de autor.

92 ORDEM DE CITAÇÃO – seqüência de apresentação das facetas ou dos aspectos de um assunto em um cabeçalho de assunto ou em uma notação de um sistema de classificação.

93 ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO – conjunto de processos (representação descritiva e temática) que visam à organização de documentos, e a posterior recuperação da informação. O.D.: Tratamento da Informação.

94 PERTINÊNCIA – informação obtida em uma busca que responde à necessidade ou demanda de informação do usuário.

95 PISTA – registro das diversas entradas secundárias (autor, título, assunto) sob as quais um item é representado num catálogo.

96 POLÍTICA DE INDEXAÇÃO – diretrizes gerais que norteiam os procedimentos de organização e tratamento da informação, incluindo adoção de padrões de indexação, tipos de documentos a serem indexados, nível de análise dos documentos, tipos de instrumentos de indexação, entre outros.

97 PONTO DE ACESSO – entrada pela qual um item bibliográfico é registrado e pode ser acessado, procurado e identificado em um catálogo. Constitui-se de nome, palavra, código, frase ou expressão. Os pontos de acesso ou entradas mais comuns são: autor, título e cabeçalho de assunto ou descritor. OD: Cabeçalho, Entrada.

98 PRECISÃO – capacidade de um SRI de recuperar em uma busca os itens considerados relevantes ou pertinentes.

99 Princípio de classificação *Ver* CARACTERÍSTICA.

100 Princípio de divisão – *Ver* CARACTERÍSTICA

101 RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO – processo ou método utilizado para buscar informações seletivamente em uma base de dados.

102 REGISTRO CATALOGRÁFICO – descrição de um item bibliográfico que constitui uma unidade de um catálogo ou de uma base de dados.

103 RELAÇÃO ENTRE CONCEITOS – associação entre dois ou mais conceitos.

104 RELEVÂNCIA – valor atribuído pelo usuário às informações recuperadas em uma busca.

105 REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA - identificação e posterior descrição dos pontos de acesso e das características físicas de um item bibliográfico (independente de seu suporte), baseada em padrões de catalogação, com a finalidade de possibilitar o acesso às informações contidas nesse item. OD Catalogação Bibliográfica, Descrição Bibliográfica.

106 REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA ANALÍTICA – representação de parte de um item bibliográfico.

107 Representação do conhecimento – *Ver* REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA.

108 Representação da informação – *Ver* REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA.

109 REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA – ato de identificar e descrever o conteúdo de um documento ou item bibliográfico, com termos ou notações que representem seus assuntos, com o objetivo de recuperá-los posteriormente. O.D.: Representação do conhecimento, Representação da informação.

110 REVOCAÇÃO – capacidade do SRI de recuperar informações relevantes em um sistema de informações ou em uma base de dados, expressa por um valor numérico chamado de índice de revocação.

111 RUÍDO - Informação não pertinente que aparece como resultado de busca, por motivo de indexação incorreta ou por falhas na elaboração da estratégia de busca por parte do usuário.

112 SELETIVIDADE – Critério que permite restringir o número de descritores para descrever o conteúdo dos documentos. OD: Sumarização.

113 SILÊNCIO – resultado negativo de uma busca.

114 Sistema de Classificação Analítico-sintética Ver SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO FACETADA.

115 SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA – sistema notacional de classificação que apresenta um esquema de organização do conhecimento com o objetivo de representar e recuperar as informações registradas. As notações utilizadas nestes sistemas podem ser numéricas, alfabéticas ou alfanuméricas. OD: Classificação Bibliográfica.

116 SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO ENUMERATIVO - sistema de classificação documentária que arrola, ou pretende arrolar todas as categorias em que o universo do conhecimento está dividido, incluindo não apenas assuntos simples, como também assuntos compostos e assuntos complexos. Um exemplo deste tipo de sistema é a Classificação Decimal de Dewey. OD: Classificação Enumerativa; Esquema de Classificação Enumerativo; Sistema de Classificação Hierárquico.

117 SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO FACETADA - sistema de classificação que identifica características comuns a várias categorias de assuntos, organizando-os em facetas. Nas facetas, os assuntos são decompostos, visando formar uma síntese. Um exemplo é a Colon Classification. OD: Classificação Analítico-sintética; Classificação Facetada; Esquema de Classificação Facetada; Sistema de Classificação Analítico-sintética.

118 Sistema de Classificação Hierárquico Ver SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO ENUMERATIVO

119 SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO SEMI-FACETADO - sistema de classificação que além de apresentar um caráter enumerativo básico, também incorpora o uso da faceta em algumas classes. Um exemplo é a CDU (Classificação Decimal Universal). OD: Classificação Semi-facetada; Esquema de Classificação Semi-facetada.

120 SUBFACETA – subdivisão de faceta.

121 Sumarização Ver SELETIVIDADE.

122 TABELA DE CLASSIFICAÇÃO – conjunto de tabelas que representam um esquema ou sistema de classificação.

123 TABELA PRINCIPAL – conjunto de notações que constituem a estrutura básica de um sistema de classificação, apresentando os grandes assuntos, suas divisões, subdivisões, seções e subseções.

124 TABELA AUXILIAR – tabela que apresenta aspectos complementares aos assuntos que constam na tabela principal de um sistema de classificação. Pode ser de forma, de idioma, geográfica ou de área e cronológica.

125 TEORIA DO CONCEITO - Teoria desenvolvida por Ingetraut Dahlberg nos anos 70, que trouxe uma base mais sólida para a determinação e o entendimento do que é considerado conceito, além de possibilitar um método para o seu posicionamento em um sistema de conceitos. De acordo com esta teoria, o conceito passa a ser definido não mais como “unidade de pensamento” (algo subjetivo, que está na mente de alguém) e sim como “unidade de conhecimento”. A teoria de Dahlberg também traz definições para os conceitos de termo, definição, intensão, a extensão, categoria, entre outros. Os princípios da Teoria do Conceito mostram-se úteis para a elaboração de tesouros, visto que fornecem bases sólidas para o estabelecimento de relações e para sua realização no plano verbal.

126 TEORIA FACETADA - Teoria desenvolvida por Shiyaki Ramamrita Ranganathan na década de 30, que estabeleceu os princípios para a organização de conceitos hierarquicamente estruturados. Na teoria da classificação facetada, Ranganathan propõe que todo o universo do conhecimento pode ser dividido em até cinco categorias fundamentais: entidade, matéria, energia, espaço e tempo.

127 TERMINOLOGIA – disciplina que permite identificar e analisar o vocabulário de uma determinada especialidade de forma sistemática e, se for necessário, normalizá-lo em uma situação concreta de funcionamento com fins de responder às necessidades de expressão dos usuários.

128 TERMO – signo verbal que representa um conceito ou uma idéia de uma determinada área do conhecimento, constituindo-se em uma unidade de sentido.

129 Termo de busca *Ver* EXPRESSÃO DE BUSCA

130 Termo não-preferido *Ver* NÃO-DESCRITOR

131 Termo preferido *Ver* DESCRITOR

132 TESAURO – linguagem documentária alfabética pós-coordenada, que relaciona termos, geralmente de uma área específica do conhecimento, cuja

organização demonstra a estrutura conceitual da área a que se refere por meio de abreviaturas convencionadas.

133 TÍTULO – palavra ou expressão que aparece em um item (ou obra) denominando este item ou as obras nele contidas.

134 TÍTULO COLETIVO – título geral de um item bibliográfico constituído por várias obras, como por exemplo, os títulos das séries e coletâneas.

135 TÍTULO CONVENCIONAL – título formulado pelo catalogador ou formado de palavras ou expressões extraídas da própria obra, com fins de agrupar diferentes expressões de um mesmo item no catálogo. Ex.: Constituição, Leis, Decretos.

136 TÍTULO UNIFORME – título padrão escolhido dentre os vários que um item possui, para agrupar as diferentes expressões deste item no catálogo. Ex.: Mil e Uma Noites (One Thousand and One Nights) (Mille et Une Nuits).

137 Tratamento da Informação – Ver ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO.

138 VOLUME – unidade física do livro.

### **FONTES CONSULTADAS:**

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos Teóricos da Classificação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v.11, n.22, p.117-140, 2006. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/147/14702210.pdf>. Acesso em 18 mai. 2010.

AROUCK, Osmar. Avaliação de Sistemas de Informação: revisão da literatura. **Transinformação**, v. 13, n. 1, janeiro/junho, 2001. p. 7-21.

ASSOCIAÇÃO PARA A PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **Glossário da Sociedade da Informação**. 2005. Disponível em: <http://purl.pt/426/1/>. Acesso em 24 out. 2009.

BARITÉ, Mario. **Glosario sobre Organización y Representación del Conocimiento**: Clasificación, Indización, Terminología. Montevideo, CSIC, Índice, 1997.

BONOTTO, M. E. K. K.; FERREIRA, G. S.; VAN DER LAAN, R.H.. **Glossário na Área de Organização e Tratamento da Informação** (no prelo).

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Programa Sociedade da Informação. Grupo de Trabalho Universalização. **Glossário de Biblioteconomia e Documentação**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/6667561/Glossario-de-Biblioteconomia>. Acesso em: 12 jan. 2010.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. Modelização de Domínios de Conhecimento: uma investigação de princípios fundamentais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 1, Abr. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652004000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652004000100003&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 18 mai. 2010

CÓDIGO de Catalogação Anglo-Americano. 2. ed. Brasília, FEBAB, 1983-85.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia R. de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

DUBUC, R. **Manual de Terminologia**. Santiago, Chile: Latina/RiL Editores, 1999. P.21-22.

GUINCHAT, Claire; MENOUE, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e da documentação**. Brasília: MCT: CNPq: Ibict, 1994.

LAAN, Regina Helena van der. **Linguagens Alfabéticas de Indexação: metodologia de elaboração em uma interface com a Terminologia**. Porto Alegre: UFRGS / FABICO / DCI, 2003. Curso de Extensão Universitária.

MENEZES, E. M.; CUNHA, M. V.; HEEMANN, V. M. **Glossário de Análise Documentária**. Londrina, PR: ABECIN, 2004.

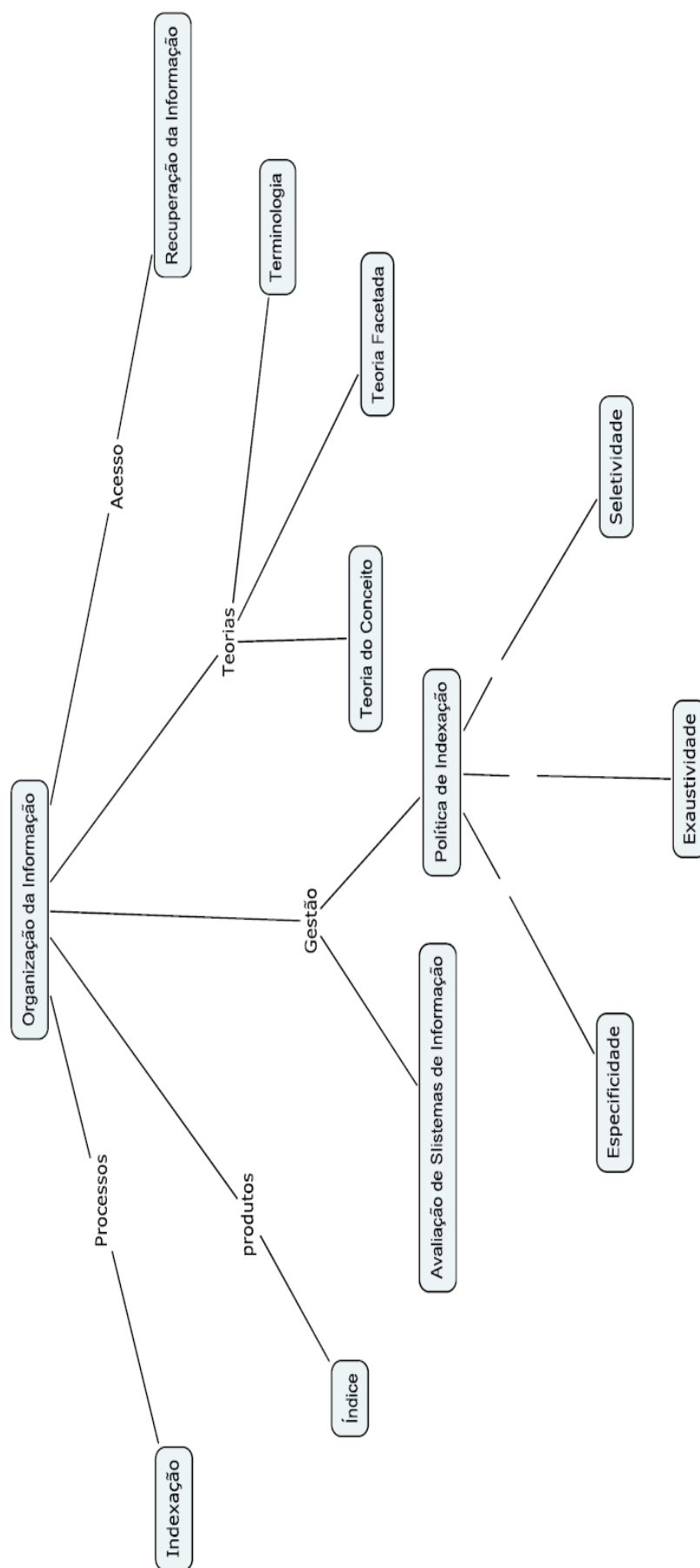
OLIVEIRA, Luciene Chagas de. **Meta-Modelo Funcional Para Recuperação de Informação**. Uberlândia, 2006. Dissertação (mestrado). Disponível em: [http://www.bdtu.ufu.br/tde\\_arquivos/5/TDE-2006-04-24T080643Z-182/Publico/LCHoliveiraDISSPRT.pdf](http://www.bdtu.ufu.br/tde_arquivos/5/TDE-2006-04-24T080643Z-182/Publico/LCHoliveiraDISSPRT.pdf). Acesso em 25 maio 2010.

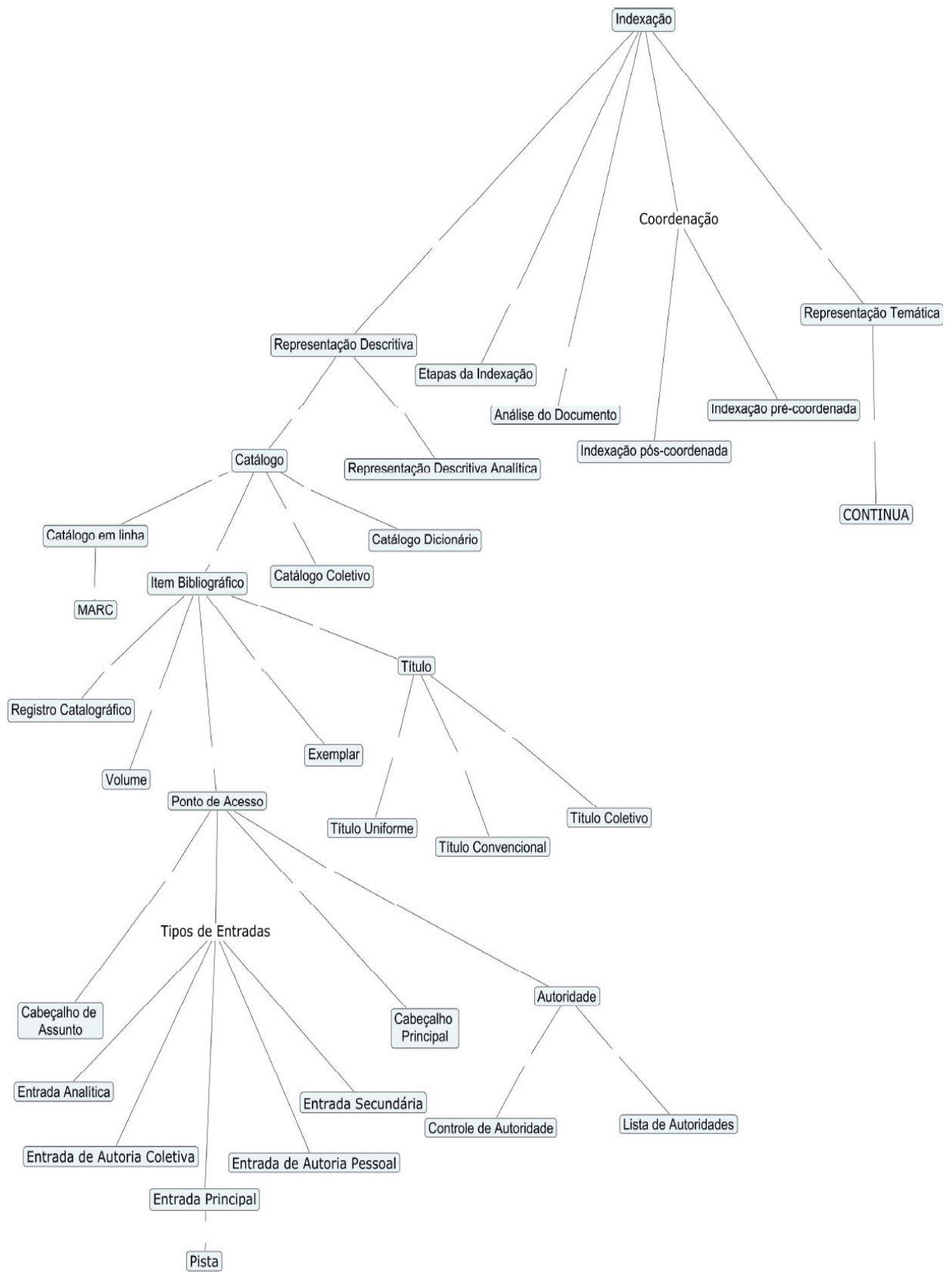
SANTOS, G. C.; RIBEIRO, C. M. **Acrônimos, Siglas e Termos Técnicos:** Arquivística, Biblioteconomia, Documentação e Informática. Campinas, SP: Átomo, 2003.

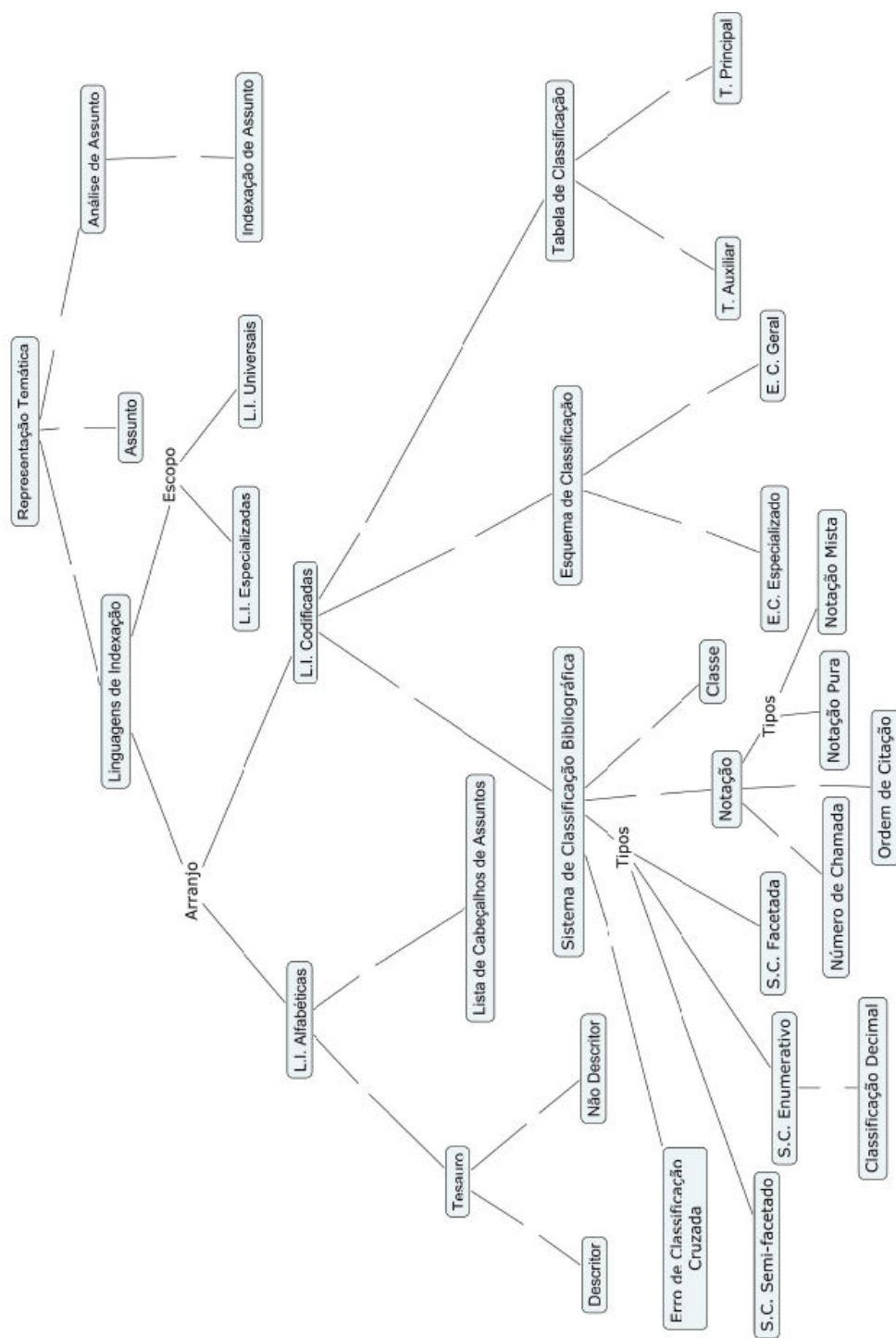


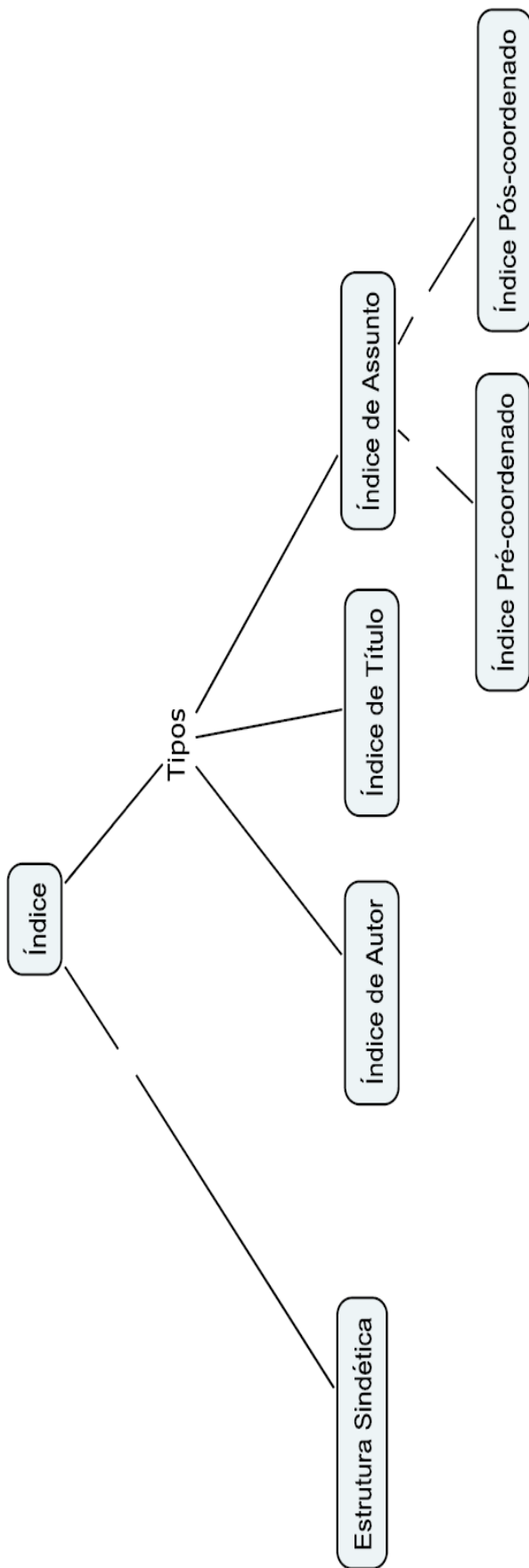
## **MAPA CONCEITUAL**

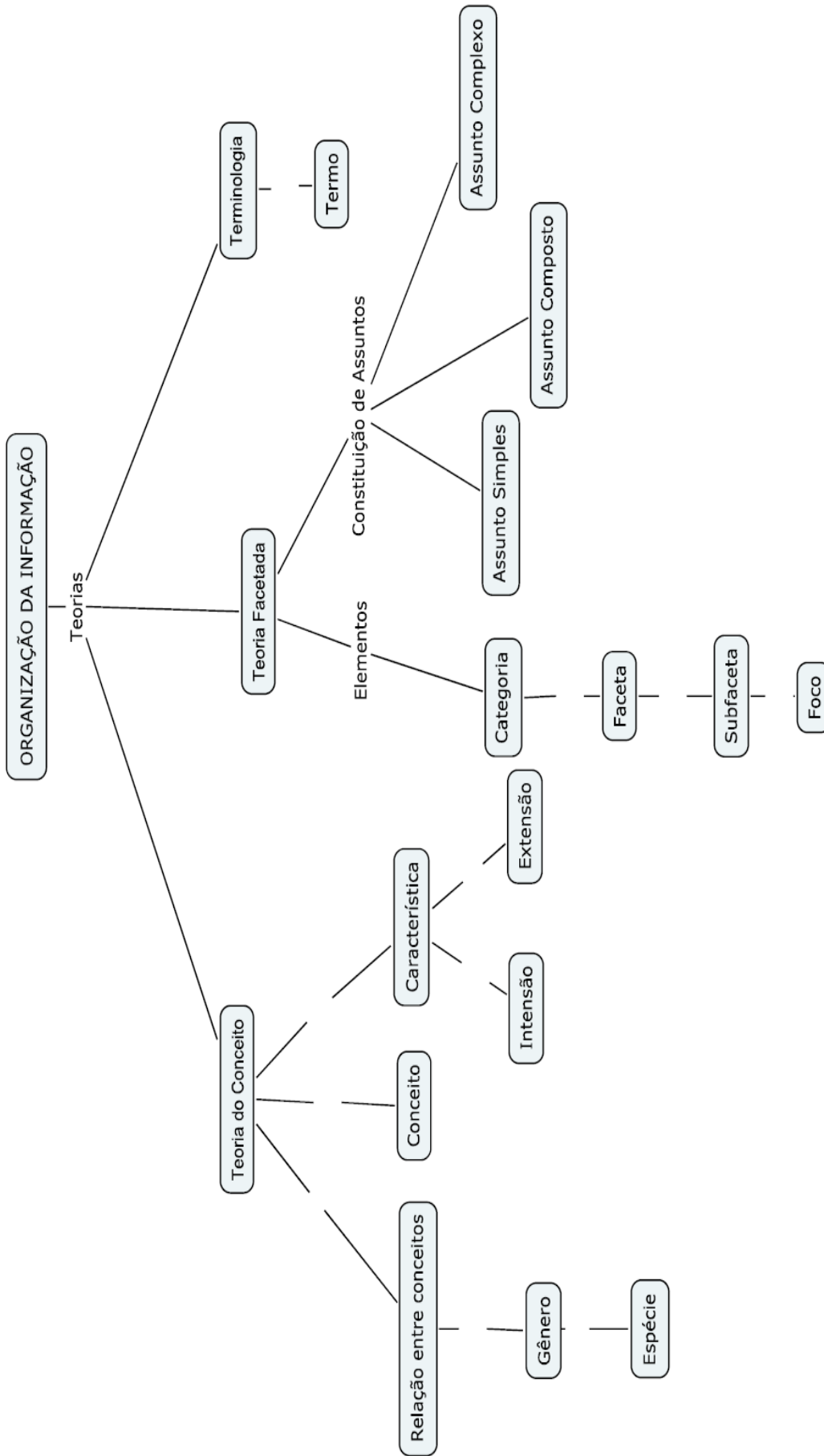
### **ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO**

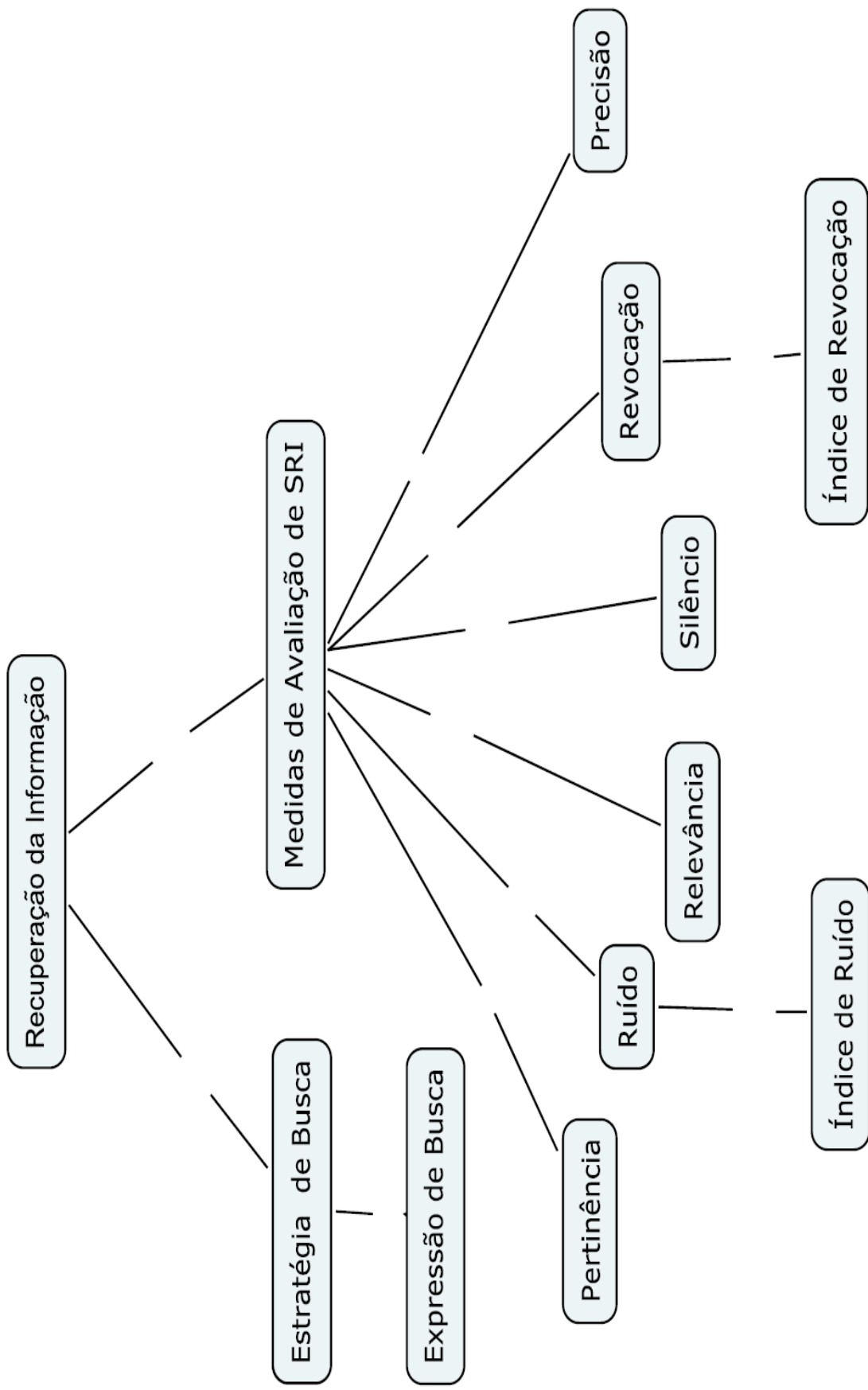












## TESAURO DE ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

ANÁLISE DE ASSUNTO  
UP Análise Conceitual  
UP Análise Documentária  
UP Análise Temática  
TG Representação Temática  
TE Indexação de Assunto  
TA Assunto

Análise Conceitual  
USE ANÁLISE DE ASSUNTO

Análise Documentária  
USE ANÁLISE DE ASSUNTO

ANÁLISE DO DOCUMENTO  
UP Leitura Técnica  
TG Indexação  
TA Etapas da Indexação  
TA Indexação Pós-coordenada  
TA Indexação Pré-coordenada  
TA Representação Descritiva  
TA Representação Temática

Análise Temática  
USE ANÁLISE DE ASSUNTO

Argumento de busca  
USE EXPRESSÃO DE BUSCA

ASSUNTO  
TG Representação Temática  
TA Análise de Assunto  
TA Linguagens de Indexação

ASSUNTO COMPLEXO  
TG Teoria Facetada  
TA Assunto Composto  
TA Assunto Simples  
TA Categoria



**ASSUNTO COMPOSTO**

TG Teoria Facetada  
TA Assunto Complexo  
TA Assunto Simples  
TA Categoria

**ASSUNTO SIMPLES**

TG Teoria Facetada  
TA Assunto Complexo  
TA Assunto Composto  
TA Categoria

**AUTORIDADE**

TG Ponto de Acesso  
TE Controle de Autoridade  
TE Lista de Autoridades  
TA Cabeçalho de Assunto  
TA Cabeçalho Principal  
TA Entrada Analítica  
TA Entrada de Autoria Coletiva  
TA Entrada de Autoria Pessoal  
TA Entrada Principal  
TA Entrada Secundária

**AVALIAÇÃO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO**

TG Organização da Informação  
TA Indexação  
TA Índice  
TA Política de Indexação  
TA Recuperação da Informação  
TATerminologia  
TA Teoria do Conceito  
TA Teoria Facetada

Cabeçalho

USE PONTO DE ACESSO

**CABEÇALHO DE ASSUNTO**

TG Ponto de Acesso  
TA Autoridade  
TA Cabeçalho Principal  
TA Entrada Analítica  
TA Entrada de Autoria Coletiva  
TA Entrada de Autoria Pessoal  
TA Entrada Principal  
TA Entrada Secundária

Cabeçalhos de entidades  
USE ENTRADA DE AUTORIA COLETIVA

Cabeçalhos de pessoas  
USE ENTRADA DE AUTORIA PESSOAL

CABEÇALHO PRINCIPAL  
TG Ponto de Acesso  
TA Autoridade  
TA Cabeçalho de Assunto  
TA Entrada Analítica  
TA Entrada de Autoria Coletiva  
TA Entrada de Autoria Pessoal  
TA Entrada Principal  
TA Entrada Secundária

CARACTERÍSTICA  
UP Princípio de Classificação  
UP Princípio de Divisão  
TG Teoria do Conceito  
TE Extensão  
TE Intensão  
TA Conceito  
TA Relação entre conceitos

Catálogo Bibliográfico  
USE REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA

CATÁLOGO  
TG Representação Descritiva  
TE Catálogo Coletivo  
TE Catálogo Dicionário  
TE Catálogo em Linha  
TE Item Bibliográfico  
TA Representação Descritiva Analítica

CATÁLOGO COLETIVO  
TG Catálogo  
TA Catálogo Dicionário  
TA Catálogo em Linha  
TA Item Bibliográfico

**CATÁLOGO DICIONÁRIO**

TG Catálogo  
TA Catálogo Coletivo  
TA Catálogo em Linha  
TA Item Bibliográfico

**CATÁLOGO EM LINHA**

UP Catálogo on-line  
TG Catálogo  
TE MARC  
TA Catálogo Coletivo  
TA Catálogo Dicionário  
TA Item Bibliográfico

Catálogo *on-line*

USE CATÁLOGO EM LINHA

**CATEGORIA**

TG Teoria Facetada  
TE Faceta  
TA Assunto Complexo  
TA Assunto Composto  
TA Assunto Simples

**CLASSE**

TG Sistema de Classificação Bibliográfica  
TA Erro de Classificação Cruzada  
TA Notação  
TA Sistema de Classificação Enumerativo  
TA Sistema de Classificação Facetado  
TA Sistema de Classificação Semi-facetado

Classificação Analítico-sintética

USE SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO FACETADA

Classificação Bibliográfica

USE SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Classificação Cruzada

USE ERRO DE CLASSIFICAÇÃO CRUZADA

**CLASSIFICAÇÃO DECIMAL**

TG Sistema de Classificação Enumerativo

Classificação Enumerativa  
USE SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO ENUMERATIVO

Classificação Facetada  
USE SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO FACETADA

Classificação Semi-facetada  
USE SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO SEMI-FACETADA.

CONCEITO  
TG Teoria do Conceito  
TA Característica  
TA Relação entre conceitos

CONTROLE DE AUTORIDADE  
TG Autoridade  
TA Lista de Autoridades

Descrição Bibliográfica  
USE REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA

DESCRITOR  
UP Termo Preferido  
TG Tesouro  
TA Não Descritor

Entrada  
USE PONTO DE ACESSO

ENTRADA ANALÍTICA  
TG Ponto de Acesso  
TA Autoridade  
TA Cabeçalho de Assunto  
TA Cabeçalho Principal  
TA Entrada de Autoria Coletiva  
TA Entrada de Autoria Pessoal  
TA Entrada Principal  
TA Entrada Secundária

## ENTRADA DE AUTORIA COLETIVA

UP Cabeçalhos de entidades

TG Ponto de Acesso

TA Autoridade

TA Cabeçalho de Assunto

TA Cabeçalho Principal

TA Entrada Analítica

TA Entrada de Autoria Pessoal

TA Entrada Principal

TA Entrada Secundária

## ENTRADA DE AUTORIA PESSOAL

UP Cabeçalhos de pessoas

TG Ponto de Acesso

TA Autoridade

TA Cabeçalho de Assunto

TA Cabeçalho Principal

TA Entrada Analítica

TA Entrada de Autoria Coletiva

TA Entrada Principal

TA Entrada Secundária

## ENTRADA PRINCIPAL

TG Ponto de Acesso

TE Pista

TA Autoridade

TA Cabeçalho de Assunto

TA Cabeçalho Principal

TA Entrada Analítica

TA Entrada de Autoria Coletiva

TA Entrada de Autoria Pessoal

TA Entrada Secundária

## ENTRADA SECUNDÁRIA

TG Ponto de Acesso

TA Autoridade

TA Cabeçalho de Assunto

TA Cabeçalho Principal

TA Entrada Analítica

TA Entrada de Autoria Coletiva

TA Entrada de Autoria Pessoal

TA Entrada Principal

**ERRO DE CLASSIFICAÇÃO CRUZADA**

UP Classificação Cruzada  
TG Sistema de Classificação Bibliográfica  
TA Classe  
TA Notação  
TA Sistema de Classificação Enumerativo  
TA Sistema de Classificação Facetado  
TA Sistema de Classificação Semi-facetado

**ESPECIFICIDADE**

TG Política de Indexação  
TA Exaustividade  
TA Seletividade

**ESQUEMA DE CLASSIFICAÇÃO**

TG Linguagens de Indexação Codificadas  
TE Esquema de Classificação Especializado  
TE Esquema de Classificação Geral  
TA Sistema de Classificação Bibliográfica  
TA Tabela de Classificação

Esquema de Classificação Enumerativo

**USE SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO ENUMERATIVO**

**ESQUEMA DE CLASSIFICAÇÃO ESPECIALIZADO**

TG Esquema de Classificação  
TA Esquema de Classificação Geral

Esquema de Classificação Facetada

**USE SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO FACETADA**

**ESQUEMA DE CLASSIFICAÇÃO GERAL**

TG Esquema de Classificação  
TA Esquema de Classificação Especializado

Esquema de Classificação Semi-Facetada

**USE SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO SEMI-FACETADO**

ESTRATÉGIA DE BUSCA  
TG Recuperação da Informação  
TE Expressão de Busca  
TA Medidas de Avaliação

ESTRUTURA SINDÉTICA  
TG Índice  
TA Índice de Assunto  
TA Índice de Autor  
TA Índice de Título

ETAPAS DA INDEXAÇÃO  
TG Indexação  
TA Análise do Documento  
TA Indexação Pós-coordenada  
TA Indexação Pré-coordenada  
TA Representação Descritiva  
TA Representação Temática

EXAUSTIVIDADE  
TG Política de Indexação  
TA Especificidade  
TA Seletividade

EXEMPLAR  
TG Item Bibliográfico  
TA Ponto de Acesso  
TA Registro Catalográfico  
TA Título  
TA Volume

EXPRESSÃO DE BUSCA  
UP Argumento de busca  
UP Termo de busca  
TG Estratégia de Busca

EXTENSÃO  
TG Característica  
TA Intensão

FACETA  
TG Categoria  
TE Subfaceta

**GÊNERO**

TG Relação entre conceitos

TE Espécie

**INDEXAÇÃO**

TG Organização da Informação

TE Análise do Documento

TE Etapas da Indexação

TE Indexação Pós-coordenada

TE Indexação Pré-coordenada

TE Representação Descritiva

TE Representação Temática

TA Avaliação de Sistemas de Informação

TA Índice

TA Política de Indexação

TA Recuperação da Informação

TATerminologia

TA Teoria do Conceito

TA Teoria Facetada

**INDEXAÇÃO DE ASSUNTO**

TG Análise de Assunto

**INDEXAÇÃO PÓS-COORDENADA**

TG Indexação

TA Análise do Documento

TA Etapas da Indexação

TA Indexação Pré-coordenada

TA Representação Descritiva

TA Representação Temática

**INDEXAÇÃO PRÉ-COORDENADA**

TG Indexação

TA Análise do Documento

TA Etapas da Indexação

TA Indexação Pós-coordenada

TA Representação Descritiva

TA Representação Temática



**ÍNDICE**

TG Organização da Informação  
TE Estrutura Sindética  
TE Índice de Assunto  
TE Índice de Autor  
TE Índice de Título  
TA Avaliação de Sistemas de Informação  
TA Indexação  
TA Política de Indexação  
TA Recuperação da Informação  
TATerminologia  
TA Teoria do Conceito  
TA Teoria Facetada

**ÍNDICE DE ASSUNTO**

TG Índice  
TA Estrutura Sindética  
TA Índice de Autor  
TA Índice de Título

**ÍNDICE DE AUTOR**

TG Índice  
TA Estrutura Sindética  
TA Índice de Assunto  
TA Índice de Título

**ÍNDICE DE TÍTULO**

TG Índice  
TA Estrutura Sindética  
TA Índice de Assunto  
TA Índice de Autor

**ÍNDICE DE REVOCAÇÃO**

TG Revocação

**ÍNDICE DE RUÍDO**

TG Ruído

**ÍNDICE PÓS-COORDENADO**

TG Índice de Assunto  
TA Índice Pré-coordenado

**ÍNDICE PRÉ-COORDENADO**

TG Índice de Assunto  
TA Índice Pós-coordenado

## INTENSÃO

TG Característica

TA Extensão

## ITEM BIBLIOGRÁFICO

TG Catálogo

TE Exemplar

TE Ponto de Acesso

TE Registro Catalográfico

TE Título

TE Volume

TA Catálogo Coletivo

TA Catálogo Dicionário

TA Catálogo em Linha

Leitura Técnica

USE ANÁLISE DO DOCUMENTO

Linguagem Documentária

USE LINGUAGENS DE INDEXAÇÃO

## LINGUAGENS DE INDEXAÇÃO

UP Linguagem Documentária

TG Representação Temática

TE Linguagens de Indexação Alfabéticas

TE Linguagens de Indexação Codificadas

TE Linguagens de Indexação Especializadas

TE Linguagens de Indexação Universais

TA Análise de Assunto

TA Assunto

## LINGUAGENS DE INDEXAÇÃO ESPECIALIZADAS

TG Linguagens de Indexação

TA Linguagens de Indexação Alfabéticas

TA Linguagens de Indexação Codificadas

TA Linguagens de Indexação Universais

## LINGUAGENS DE INDEXAÇÃO UNIVERSAIS

TG Linguagens de Indexação

TA Linguagens de Indexação Alfabéticas

TA Linguagens de Indexação Codificadas

TA Linguagens de Indexação Especializadas

## LINGUAGENS DE INDEXAÇÃO ALFABÉTICAS

TG Linguagens de Indexação  
TE Lista de Cabeçalhos de Assunto  
TE Tesouro  
TA Linguagens de Indexação Codificadas  
TA Linguagens de Indexação Especializadas  
TA Linguagens de Indexação Universais

## LINGUAGENS DE INDEXAÇÃO CODIFICADAS

TG Linguagens de Indexação  
TE Esquema de Classificação  
TE Sistema de Classificação Bibliográfica  
TE Tabela de Classificação  
TA Linguagens de Indexação Alfabéticas  
TA Linguagens de Indexação Especializadas  
TA Linguagens de Indexação Universais

## LISTA DE AUTORIDADES

TG Autoridade  
TA Controle de Autoridade

## LISTA DE CABEÇALHOS DE ASSUNTO

TG Linguagens de Indexação Alfabéticas  
TA Tesouro

## Machine Readable Cataloging Record

USE MARC

## MARC

UP Machine Readable Cataloging Record  
TG Catálogo em Linha

## MEDIDAS DE AVALIAÇÃO

TG Recuperação da Informação  
TE Pertinência  
TE Precisão  
TE Relevância  
TE Revocação  
TE Ruído  
TE Silêncio  
TA Estratégia de Busca

## NÃO-DESCRITOR

UP Termo não-preferido  
TG Tesouro  
TA Descritor

**NOTAÇÃO**

TG Sistema de Classificação Bibliográfica  
TE Notação Mista  
TE Notação Pura  
TE Número de Chamada  
TE Ordem de Citação  
TA Classe  
TA Erro de Classificação Cruzada  
TA Sistema de Classificação Enumerativo  
TA Sistema de Classificação Facetado  
TA Sistema de Classificação Semi-facetado

**NOTAÇÃO MISTA**

TG Notação  
TA Notação Pura  
TA Número de Chamada  
TA Ordem de Citação

**NOTAÇÃO PURA**

TG Notação  
TA Notação Mista  
TA Número de Chamada  
TA Ordem de Citação

**NÚMERO DE CHAMADA**

TG Notação  
TA Notação Mista  
TA Notação Pura  
TA Ordem de Citação

**ORDEM DE CITAÇÃO**

TG Notação  
TA Notação Mista  
TA Notação Pura  
TA Número de Chamada

**ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

UP Tratamento da Informação  
TE Avaliação de Sistemas de Informação  
TE Indexação  
TE Índice  
TE Política de Indexação  
TE Recuperação da Informação  
TE Terminologia  
TE Teoria do Conceito  
TE Teoria Facetada

## PERTINÊNCIA

TG Recuperação da Informação

TA Precisão

TA Relevância

TA Revocação

TA Ruído

TA Silêncio

## PISTA

TG Entrada Principal

## POLÍTICA DE INDEXAÇÃO

TG Organização da Informação

TE Especificidade

TE Exaustividade

TE Seletividade

TA Avaliação de Sistemas de Informação

TA Índice

TA Indexação

TA Recuperação da Informação

TATerminologia

TA Teoria do Conceito

TA Teoria Facetada

## PONTO DE ACESSO

UP Cabeçalho

UP Entrada

TG Item Bibliográfico

TE Autoridade

TE Cabeçalho de Assunto

TE Cabeçalho Principal

TE Entrada Analítica

TE Entrada de Autoria Coletiva

TE Entrada de Autoria Pessoal

TE Entrada Principal

TE Entrada Secundária

TA Exemplar

TA Registro Catalográfico

TA Título

TA Volume

## PRECISÃO

TG Recuperação da Informação

TA Pertinência

TA Relevância

TA Revocação

TA Ruído

TA Silêncio

Princípio de classificação  
USE CARACTERÍSTICA

Princípio de divisão  
USE CARACTERÍSTICA

#### RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO

TG Organização da Informação  
TE Estratégia de Busca  
TE Pertinência  
TE Precisão  
TE Relevância  
TE Revocação  
TE Ruído  
TE Silêncio  
TA Avaliação de Sistemas de Informação  
TA Índice  
TA Indexação  
TA Política de Indexação  
TATerminologia  
TA Teoria do Conceito  
TA Teoria Facetada

#### REGISTRO CATALOGRÁFICO

TG Item Bibliográfico  
TA Exemplar  
TA Ponto de Acesso  
TA Título  
TA Volume

#### RELAÇÃO ENTRE CONCEITOS

TG Teoria do Conceito  
TE Gênero  
TE Espécie  
TA Característica  
TA Conceito

#### RELEVÂNCIA

TG Recuperação da Informação  
TA Pertinência  
TA Precisão  
TA Revocação  
TA Ruído  
TA Silêncio

**REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA**

UP Catalogação Bibliográfica  
UP Descrição Bibliográfica  
TG Indexação  
TE Catálogo  
TE Representação Descritiva Analítica  
TA Análise do Documento  
TA Etapas da Indexação  
TA Indexação Pós-coordenada  
TA Indexação Pré-coordenada  
TA Representação Temática

**REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA ANALÍTICA**

TG Representação Descritiva  
TA Catálogo

Representação do conhecimento  
USE REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA

Representação da informação  
USE REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA

**REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA**

UP Representação do conhecimento  
UP Representação da informação  
TG Indexação  
TE Análise de Assunto  
TE Assunto  
TE Linguagens de Indexação  
TA Análise do Documento  
TA Etapas da Indexação  
TA Indexação Pós-coordenada  
TA Indexação Pré-coordenada  
TA Representação Descritiva

**REVOCAÇÃO**

TG Recuperação da Informação  
TE Índice de Revocação  
TA Pertinência  
TA Precisão  
TA Relevância  
TA Ruído  
TA Silêncio

## RUÍDO

TG Recuperação da Informação  
 TE Índice de Ruído  
 TA Pertinência  
 TA Precisão  
 TA Relevância  
 TA Revocação  
 TA Silêncio

## SELETIVIDADE

UP Sumarização  
 TG Política de Indexação  
 TA Especificidade  
 TA Exaustividade

## SILÊNCIO

TG Recuperação da Informação  
 TA Pertinência  
 TA Precisão  
 TA Relevância  
 TA Revocação  
 TA Ruído

Sistema de Classificação Analítico-sintética  
 USE SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO FACETADA

## SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

UP Classificação Bibliográfica  
 TG Linguagens de Indexação Codificadas  
 TE Classe  
 TE Erro de Classificação Cruzada  
 TE Notação  
 TE Sistema de Classificação Enumerativo  
 TE Sistema de Classificação Facetado  
 TE Sistema de Classificação Semi-facetado  
 TA Esquema de Classificação  
 TA Tabela de Classificação

## SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO ENUMERATIVO

UP Classificação Enumerativa  
 UP Esquema de Classificação Enumerativo  
 UP Sistema de Classificação Hierárquico  
 TG Sistema de Classificação Bibliográfica  
 TE Classificação Decimal  
 TA Classe  
 TA Erro de Classificação Cruzada  
 TA Notação



TA Sistema de Classificação Facetada  
 TA Sistema de Classificação Semi-facetado

#### SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO FACETADA

UP Classificação Analítico-sintética  
 UP Classificação Facetada  
 UP Esquema de Classificação Facetada  
 UP Sistema de Classificação Analítico-sintética  
 TG Sistema de Classificação Bibliográfica  
 TA Classe  
 TA Erro de Classificação Cruzada  
 TA Notação  
 TA Sistema de Classificação Enumerativo  
 TA Sistema de Classificação Semi-facetado

Sistema de Classificação Hierárquico

#### USE SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO ENUMERATIVO

#### SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO SEMI-FACETADO

UP Classificação Semi-facetada  
 UP Esquema de Classificação Semi-facetada  
 TG Sistema de Classificação Bibliográfica  
 TA Classe  
 TA Erro de Classificação Cruzada  
 TA Notação  
 TA Sistema de Classificação Enumerativo  
 TA Sistema de Classificação Facetado

#### SUBFACETA

TG Faceta  
 TE Foco

Sumarização

#### USE SELETIVIDADE

#### TABELA DE CLASSIFICAÇÃO

TG Linguagens de Indexação Codificadas  
 TE Tabela Auxiliar  
 TE Tabela Principal  
 TA Sistema de Classificação Bibliográfica  
 TA Tabela de Classificação

## TABELA PRINCIPAL

TG Tabela de Classificação

TA Tabela Auxiliar

## TABELA AUXILIAR

TG Tabela de Classificação

TA Tabela Principal

## TEORIA DO CONCEITO

TG Organização da Informação

TE Característica

TE Conceito

TE Relação entre Conceitos

TA Avaliação de Sistemas de Informação

TA Índice

TA Indexação

TA Política de Indexação

TA Recuperação da Informação

TATerminologia

TA Teoria Facetada

## TEORIA FACETADA

TG Organização da Informação

TE Assunto Complexo

TE Assunto Composto

TE Assunto Simples

TE Categoria

TA Avaliação de Sistemas de Informação

TA Índice

TA Indexação

TA Política de Indexação

TA Recuperação da Informação

TATerminologia

TA Teoria do Conceito

## TERMINOLOGIA

TG Organização da Informação

TE Termo

TA Avaliação de Sistemas de Informação

TA Índice

TA Indexação

TA Política de Indexação

TA Recuperação da Informação

TA Teoria do Conceito

TA Teoria Facetada

TERMO  
TG Terminologia

Termo de busca  
USE EXPRESSÃO DE BUSCA

Termo não-preferido  
USE NÃO-DESCRITOR

Termo preferido  
USE DESCRITOR

TESAURO  
TG Linguagens de Indexação Alfabéticas  
TE Descritor  
TE Não Descritor  
TA Lista de Cabeçalhos de Assuntos

TÍTULO  
TG Item Bibliográfico  
TE Título Coletivo  
TE Título Convencional  
TE Título Uniforme  
TA Exemplar  
TA Ponto de Acesso  
TA Registro Catalográfico  
TA Volume

TÍTULO COLETIVO  
TG Título  
TA Título Convencional  
TA Título Uniforme

TÍTULO CONVENCIONAL  
TG Título  
TA Título Coletivo  
TA Título Uniforme

TÍTULO UNIFORME  
TG Título  
TA Título Coletivo  
TA Título Convencional

Tratamento da Informação  
USE ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

VOLUME

TG Item Bibliográfico

TA Exemplar

TA Ponto de Acesso

TA Registro Catalográfico

TA Título

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CURRÁS, Emília. **Tesauros, Linguagens Terminológicas**. Brasília: IBICT, 1995. 286p.

ELABORAÇÃO de Tesauro Documentário: tutorial. In: Conexão Rio Web Design. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bit/tesauro/>. Acesso em: 15 set. 2009.

GOMES, Hagar Espanha (Coord.). **Manual de Elaboração de Tesauros Monolíngües**. Brasília: O Programa, 1990.

**Instituto de Estudios Documentales sobre Ciencia y Tecnologia**. Tesauro de Biblioteconomía y Documentación. Disponível em: [http://thes.cindoc.csic.es/index BIBLIO\\_esp.html](http://thes.cindoc.csic.es/index_BIBLIO_esp.html). Acesso em: 10 set. 2009.

LAAN, Regina Helena van der. **Tesauro e Terminologia**: uma inter-relação lógica. Porto Alegre, 2002. Tese (Doutorado).

PALHARES, Manoel. **TCI – Tesauro de Ciência da Informação**. Disponível em: <http://www.inf.pucminas.br/ci/tci/>. Acesso em 06 set. 2009.

Universidad de León. Área de Biblioteconomía y Documentación. **DOCUTES – Tesauro de Ciencias de la Documentación**. Disponível em: <http://www3.unileon.es/dp/abd/tesauro/pagina/tesdocumentacion/docutes.htm>. Acesso em 03 set. 2009.

## APÊNDICE B - LINKS SUGERIDOS

A seguir algumas sugestões de links para auxiliar os interessados na elaboração de tesouros.

### TESAUROS – DIVERSAS ÁREAS

TCI – Tesouro em Ciência da Informação: <http://www.inf.pucminas.br>.

DOCUTES – Tesouro de Ciencias de la Documentación:

<http://www3.unileon.es/dp/abd/tesauro/pagina/tesdocumentacion/docutes.htm>

Tesouro de Biblioteconomía y Documentación:

[http://thes.cindoc.csic.es/index BIBLIO\\_esp.html](http://thes.cindoc.csic.es/index_BIBLIO_esp.html)

Tesouro de Folclore e Cultura Popular:

<http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/>

Thesaurus Brasileiro da Educação (Brased):

<http://www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus/>.

Terminologia sobre Esporte:

[http://www.infothes.inf.br/BASE\\_Esporte/Esporte.htm](http://www.infothes.inf.br/BASE_Esporte/Esporte.htm)

Tesouro Cadeia Alimentícia: <http://www.thesaurus.eti.br/cadeia-alimenticia/>

## SOFTWARES DE CONSTRUÇÃO DE TESAUROS

Multites: <http://www.multites.com/>

Tematres: <http://www.r020.com.ar/tematres/download.php>

Lexico3: <http://www.cavi.univ-paris3.fr/ilpga/ilpga/tal/lexicowww/lexico3.htm>

**ANEXO A – FICHA DE COLETA DE TERMOS PARA  
TESAURO/GLOSSÁRIO**

TERMO
FONTE
CONTEXTO DISCURSIVO
DEFINIÇÃO
VARIANTES TERMINOLÓGICAS
DATA

FONTE:  
LAAN, Regina Helena van der. **Análise Temática**. Disciplina Linguagens Alfabéticas de Indexação. Porto Alegre: UFRGS / FABICO / DCI, 2005.



## **ANEXO B – ROTEIRO PARA ANÁLISE DE TESAUROS**

### **1 INFORMAÇÕES INTRODUTÓRIAS**

- a) Indicação do propósito do tesouro:
- b) Definição do campo temático:
- c) Equipe de trabalho:
- d) Indicação da existência de outros tesouros na área:
- e) Indicação de norma de elaboração de tesouro:
- f) Indicação de temas periféricos:
- g) Indicação do grau de especificidade com que foram tratados os temas periféricos:
- h) Indicação da política de atualização:
- i) Indicação do número total dos termos e dos números subtotais dos descritores e não descritores:
- j) Indicação da data de inclusão do último descritor:

### **2 INFORMAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA**

- a) Explicação sobre convenções e abreviaturas:
- b) Explicação de todos os sinais e pontuação utilizados:
- c) Explicação sobre o uso de notas:

### **3 DAS INFORMAÇÕES SOBRE OS DESCRITORES**

- a) Indicação do método de coleta dos candidatos a descritor:
- b) Indicação das principais fontes de coleta dos candidatos a descritor:
- c) Indicação dos critérios de determinação do descritor preferido:
- d) Indicação da forma de validação dos descritores:
- e) Indicação de especialista, consultores *ad hoc* para validação dos descritores:
- f) Explicação sobre as relações de equivalência entre o descritor preferido e os não-descritores:

#### **4 DAS INFORMAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO CONCEITUAL**

- a) Explicação sobre as diferentes relações hierárquicas:
- b) Explicação sobre as diferentes relações associativas:

#### **5 OBSERVAÇÕES**

#### **6 QUESTÕES PARA SEREM RESPONDIDAS APÓS A ANÁLISE**

- a) As informações fornecidas pelos editores do tesauro estão qualitativamente adequadas para possibilitar o uso deste instrumento de indexação sem necessidade de maiores estudos por parte do indexador? A redação das instruções é clara, bem exemplificada, possibilitando compreender toda a organização da linguagem documentária, suas limitações e possibilidades de emprego?
- b) No caso de ter que selecionar um instrumento de indexação alfabética você iria adotar este tesauro? Por quê? Quais os dados que decidiram esta tomada de decisão? Estes dados foram obtidos no próprio tesauro?

**FONTE:**

LAAN, Regina Helena van der. **Análise Temática**. Disciplina Linguagens Alfabéticas de Indexação. Porto Alegre: UFRGS / FABICO / DCI, 2005.